



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA ACADÊMICA  
PROFESSORA ORIENTADORA: CLÁUDIA BUSATO

**O jornalista-personagem e sua rotina produtiva  
na composição ficcional do filme  
'O Beijo no Asfalto'**

Simone Magalhães da Silva  
20294078

Brasília, Junho de 2007

Simone Magalhães da Silva

**O jornalista-personagem e sua rotina produtiva  
na composição ficcional  
do filme ‘O Beijo no Asfalto’**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como pré-requisito para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Professora orientadora:

Cláudia Busato

Brasília, Junho de 2007

Simone Magalhães da Silva

**O jornalista-personagem e sua rotina produtiva  
na composição ficcional  
do filme ‘O Beijo no Asfalto’**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como pré-requisito para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

**Banca Examinadora  
Brasília, 4 de Junho de 2007**

---

Professora Orientadora: Cláudia Busato  
Orientadora

---

Professora Convidada: Ana Gabriela Guerreiro  
Examinadora

---

Professor Convidado: Paulo Fonseca  
Examinador

## **Agradecimentos**

Antes de tudo, a Deus, pela mão amiga e fortalecimento espiritual nas horas em que mais me encontrei perdida. À minha mãe, ontem, hoje e sempre, que colaborou tanto na questão financeira ao longo do curso, quanto na revisão desta monografia. Sempre presente, ela jamais mediu esforços para que eu continuasse na área desejada: o jornalismo. Aos inúmeros colaboradores desta pesquisa: professores, cineastas, profissionais do teatro e do jornalismo, colegas de curso e todos àqueles que torceram por mim. Agradecimento mais que especial ao jornalista e professor de literatura Fernando Marques, especialista em Nelson Rodrigues. E aos colegas Maurício Ramos e Maurício Vianna, pela luz que me trouxeram na elaboração e desfecho da pesquisa de campo. Por fim, mas não menos importante, à minha orientadora, Cláudia Busato, que sempre atenta e paciente, me fez ir além, querer mais e dar o melhor de mim. Obrigada a todos, pela oportunidade!

*“Perguntei a mim mesmo: Que mito você está vivendo? E descobri que não sabia.  
Por isso ... decidi conhecer o meu mito, e considereei esta como a maior das tarefas”*

**Carl Gustav Jung**

## Resumo

Este trabalho procura analisar a representação social do jornalista no filme 'O Beijo no Asfalto'. À personagem-jornalista agregam-se as categorias de mito e estereótipo. No filme, a interpretação metafórica depreende algumas características do repórter, tais como: "boêmio" e "antiético". Partindo-se do cinema, da trajetória de Nelson e do próprio jornalismo policial, pode-se constatar a existência e, mesmo, a permanência, de grande parte destes papéis.

**Palavras-chave:** cinema e jornalismo, O Beijo no Asfalto, jornalismo policial, Nelson Rodrigues e o mito do jornalista.

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo 1</b> .....	<b>2</b>
1 Cinema .....	2
1.1 História do Cinema .....	2
1.1.1 Indústria Cultural.....	4
1.1.2 Cinema e Linguagem.....	5
1.2 Os anos 80 e a imprensa carioca.....	6
<b>Capítulo 2</b> .....	<b>10</b>
2.1 Nelson e o jornalismo policial .....	10
2.2 O jornalismo no teatro de Nelson .....	13
2.2.1 A montagem de 'O Beijo no Asfalto' .....	14
2.3 O filme 'O Beijo no Asfalto' .....	15
<b>Capítulo 3</b> .....	<b>18</b>
3.1 Mitos e Estereótipos .....	18
3.1.1 Complexo de Clark Kent.....	20
3.1.2 Dom Quixote.....	22
3.1.3 Maquiavel .....	23
3.1.4 Os Velhos Tipos .....	24
3.2 A profissão: Jornalista .....	25
3.3 As Representações Sociais.....	26
<b>Capítulo 4</b> .....	<b>27</b>
4.1 A metodologia.....	27
4.2 A Análise dos Resultados.....	28
4.2.1 A identificação dos mitos e estereótipos.....	28
4.2.2 A utilização dos estereótipos e a representação social .....	30
<b>Conclusão</b> .....	<b>33</b>
<b>Referências</b> .....	<b>34</b>

## ANEXOS

**APÊNDICE A – Roteiro do questionário/entrevista**

**APÊNDICE B – Conteúdo das entrevistas**

## Introdução

Busca incessante pelo “furo” jornalístico, vocação, desejo de “mudar o mundo”, “faro” para a notícia são algumas das qualidades necessárias a um bom jornalista. Mais do que isso: compatíveis com os ideais de sucesso, poder, glamour vividos por qualquer jornalista retratado no cinema. Do outro lado, a rede de intrigas, a ausência de vida pessoal, o mau jornalismo. Para muitos profissionais, a carreira possibilitará um prestígio e ascensão social de destaque. Entretanto, quais destas versões o cinema vem propagando como realidade? Quantas não seriam as deformações do “papel” exercido por este profissional?

A indústria cultural e particularmente o cinema são um campo privilegiado de produções simbólicas e mitos modernos. O cinema com seu enorme poder de penetração nas classes, vem ajudando na construção e legitimação de mitos e na popularização de atividades e profissionais, como a do jornalista. É possível afirmar que o cinema colaborou com a construção de uma imagem, ou melhor, de algumas imagens do jornalista; representações que certamente influenciaram na escolha profissional dos futuros repórteres.

De minha lista com mais de 30 filmes, coletados desde o início do curso, encontrei novos olhares acerca da profissão e da prática jornalística. Para este trabalho, procurei revalidar meu mito através de ‘O Beijo no Asfalto’, escolhido como recorte do cinema nacional (a partir da adaptação de Nelson Rodrigues) a retratar de forma mais “elucidativa” a personagem jornalista.

Ao longo do projeto, foram aplicadas duas metodologias - da sociológica (mito, estereótipo e representação social) a pesquisa de campo (entrevistas). Com o intuito de identificar estas representações sociais e verificar sua veracidade no dia-a-dia foi feita a pesquisa com profissionais e universitários da área em Brasília. Ainda assim, dos 15 CDs distribuídos do filme, menos de 10 responderam ao questionário.

Para melhor divisão do trabalho, o Capítulo 1 abordará do cinema a imprensa carioca nos anos 80. O Capítulo 2, falará um pouco da vida e da obra de Nelson Rodrigues. Já o Capítulo 3, mostrará alguns mitos e estereótipos da profissão. E, no último capítulo, a análise dos entrevistados, feita entre 23 de abril a 1º de maio.

É a personagem-jornalista moldada no cinema de forma simplista? Romântico? Boêmio? Herói ou anti-herói? É o que veremos a seguir.



# Capítulo 1

## 1 Cinema

### 1.1 História do Cinema

Para o crítico gaúcho Hélio Nascimento, a história do cinema remete a um evento precursor e bastante utilizado na Itália da Renascença, a “câmara escura”. Para o autor, “o cinema iria repetir esse ritual séculos mais tarde, trazendo outra vez para dentro de uma sala escura a realidade exterior” (NASCIMENTO, 1981, p. 8). Arte ou real, é claro que o cinema adota, como arte subjetiva, ou seja, sob a impressão de um diretor, de determinado uso de imagens, uma versão da realidade, escolhida em meio a tantas outras maneiras possíveis de se contar uma história.

A consequência disso é que o cinema teria, obrigatoriamente, de se transformar em arte aberta para o real, o termo aqui significando não apenas a aparência exterior de pessoas, objetos e paisagens, mas a revelação das ligações e dos conflitos entre todos eles (NASCIMENTO, 1981, p. 8).

Segundo o jornalista e cineasta Alex Viany, a primeira exibição pública do *Cinématographe* dos irmãos Lumière teve lugar em Paris a 28 de dezembro de 1895, no salão *Indien*, localizado no subsolo do Grande Café Paris, na rua *Boulevard des Capucines*. Meio ano depois, o cinema chegava ao Brasil com o nome de *Omniographo*, conforme afirma Gonzaga em sua História do Cinema Brasileiro (GONZAGA *apud* VIANY, 1993, p. 21). Ainda não se sabe com certeza quem teria trazido o aparelho para o Brasil, nem tampouco se tratava realmente da invenção dos Lumière ou de um engenho congênere (VIANY, 1993, p. 21).

Nesse ano, de acordo com Robert Claude, multidões admiradas assistiram, quase simultaneamente, na América, na Alemanha e na França, às primeiras projeções (CLAUDE *et al.*, 1982, p. 11). No Brasil, a primeira sessão pública ocorreu a 8 de julho de 1896 numa sala à Rua Ouvidor 57, às 2 horas da tarde (VIANY, 1993, p. 21). No dia seguinte, o acontecimento carioca foi entusiasticamente saudado pelos jornais. Levando muitos leitores curiosos à sala, que funcionou das 11 da manhã às 10 da noite.

Como de início as filmagens restringiam-se a registros de época como acontecimentos, sociais e políticos, não há, segundo o jornalista, dados precisos de uma primeira filmagem no Brasil.

Ninguém conseguiu precisar, ao certo, qual foi a primeira filmagem brasileira, podendo-se apenas dizer que a honra não pertence ao português Antônio Leal, a quem durante algum tempo, a primazia esteve atribuída, pelo registro em filme de algumas vistas do Rio, a 5 de novembro de 1903 – data erroneamente comemorada como o Dia do Cinema Brasileiro (VIANY, 1993, p. 26).

A 30 de julho de 1897, instala-se na mesma rua Ouvidor, considerada por Viany, a primeira Cinédia brasileira, o Salão de Novidades Paris, do italiano Pascoal Segreto, que passa a ser o primeiro cinema permanente do país.

Entretanto, conforme cita Robert Claude, em *Panorâmica sobre a 7ª Arte*, a introdução do cinema como arte, magia e encanto não foi dada pelos irmãos Lumière. “Os irmãos Lumière eram mais técnicos que artistas. E, o cinema exigia novas realizações”. Só com o francês George Méliès, “poeta do fantástico, que o cinema caminhou para a ilusão e transformou-se em auxiliar dos sonhos” (CLAUDE *et al.*, 1982, p. 13). Foi com ele que o cinema ganhou uma nova estética em sua linguagem, com corte nas imagens, luzes, truncagens e encenações praticamente teatrais. Vejamos o que diz o autor:

Primeiramente, ele empreendeu a venda do filme, mas principalmente, inventou a arte do cinema, inaugurando o cinema-espetáculo. [...] Assim agindo, imaginou os primeiros roteiros, construiu o primeiro estúdio, pintou cenários, aperfeiçoou máquinas de teatro bastante complicadas, descobriu por acaso ou criou truncagens especificamente cinematográficas (CLAUDE *et al.*, 1982, p. 12-13).

A partir daí, os recursos de maquiagem, os cenários e os efeitos especiais, que desde o início do século 20 são utilizados no cinema, vão gradativamente aproximando-o da ficção. Tudo parece, ao mesmo tempo, realidade e interpretação teatral (CASTILHO, 2003, p. 67).

Real ou inventada, a história que o cinema conta fica na memória. O poder que a imagem exerce é indiscutível, opina Dávila (2003). Não fosse assim, a TV não teria conquistado tamanho espaço. Ainda assim, a magia, pioneira no cinema, permanece com o ritual de “escurinho” e silêncio em frente à tela. Que apesar do avanço das novas mídias e tecnologias, continua a exercer um fascínio sem limites, diante de

velhos e novos espectadores que freqüentam suas salas. Mas, o quê (ou quem), estaria por detrás dessa arte?

### 1.1.1 Indústria Cultural

Termo criado por Adorno e Horkheimer, a partir da análise para a cultura norte-americana, o mecanismo da “indústria cultural” acontece de maneira muito simples. “O povo compreende o cinema como “uma diversão”, isto é, procura-o para se “esquecer” dos problemas da vida diária” (KATZ, 1975, p. 233-234). Esquecimento que, segundo os teóricos, pode ser feito se a “diversão” reiterar a “realidade” dos valores ideológicos que fundem o cotidiano.

A análise de Adorno e Horkheimer criticava o cinema (e de um modo geral, a cultura de massa) porque via nela um processo vigente de catarse baseado na ideologia (KATZ, 1975, p. 234). Ou seja, a pessoa se distraia, liberava seus sentimentos e lembranças, a partir de um produto, condicionado à manutenção do “*status quo*”. Era preciso pagar por uma ideologia, embalada como entretenimento, que aprendia a agir silenciosamente.

Tal como os teóricos da Escola de Frankfurt já consideravam, a indústria cultural é um produto industrial, feito para a massa. Por isso, ele precisa tanto de elementos do entretenimento e do imaginário para se fortalecer como uma necessidade de consumo. Resumindo, algo que liberte e faça sonhar, diante das agruras do dia-a-dia. O cinema, na observação de Capuzzo, cumpre bem este papel:

Os estúdios souberam vender emoções, sensações, experiências inusitadas, ovacionando as grandes paixões, os atos heróicos, os homens sábios numa procura incessante do éden terrestre. Os homens foram retratados pela ótica idealizada dos personagens cinematográficos (CAPUZZO, 1986, p. 41).

Para a pesquisadora Maria Castilho, o cinema já surge como um produto da indústria cultural. Almejando atingir um público mais amplo, culto e burguês, o cinema vai aprendendo a contar histórias, e para isso inspira-se nos romances do século 19, criando roteiros quase sempre melodramáticos. Estilo que consiste pela oposição radical entre “bem” e “mal”, “felicidade” e “infortúnio”. E no qual, após inúmeras peripécias desfecham a história com a vitória do bem sobre o mal (CASTILHO, 2003, p. 47-48).

Mas é na publicação do primeiro jornal, segundo a autora, que se instala a indústria cultural como um empreendimento comercial.

É a imprensa como conhecemos hoje – seriada, lucrativa e mecanizada – que divulga notícias e entretém o leitor com um conteúdo em muito semelhante ao dos almanaques: charadas, piadas, novidades culturais e as narrativas ficcionais, conhecidas por folhetins (CASTILHO, 2003, p. 46-47).

Para Castilho, reflexos como a catarse, sentida pelo espectador, tornam a ficção irresistível (CASTILHO, 2003, p. 12). Em outras palavras, qualquer coisa parecerá mais interessante desde que fuja da rotina. Por isso, desejos ocultos como prazer, liberdade e diversão sem limite ganham força com a cultura da mídia.

É assim que filmes e cineastas devolvem ao espectador, o elo perdido entre o homem e o mundo, conforme opina Castilho. Mas após os 90 minutos, o que resta? Talvez um pouco de insatisfação passageira até o próximo ingresso. Mas o quê diz (e como fala) um filme? Qual a sua mensagem? Eis o tema que se segue.

### 1.1.2 Cinema e Linguagem

Como veículo de comunicação de massa, o cinema não é imparcial. São movimentos de câmera, luzes, textos que sugerem uma visão do real, uma releitura do que não pode ser percebido em um primeiro instante. Quando a câmera é ligada, ela já intervém na realidade, e as pessoas deixam de ser elas mesmas para se tornarem representações de si mesmas. Será mesmo?, ele questiona (MERTEN, 2003, p. 10).

Para Capuzzo:

Um dos principais artifícios para a ilusão da realidade está no fato de a linguagem cinematográfica estar devidamente camuflada, a ponto de os espectadores menos atentos não perceberem as interferências da realização. Até hoje é difícil encontrar no grande público um treinamento visual que saiba distinguir com precisão efeitos de montagem, enquadramentos, iluminação, edição de som e tantos outros recursos lingüísticos que o cinema utiliza (CAPUZZO, 1986, p. 22).

Luz, som, cor, movimento e montagem agora nos arrastam para dentro da tela. O ritmo, lento ou rápido, é o sistema nervoso do filme (CLAUDE *et al.*, 1982, p. 56). O que o autor “ousou” chamar de “presença fílmica” ou “consciência” é visto como uma atitude do espectador que se revela, diante do universo fílmico, em um misto de passividade e de atividade, de sonho e de realidade (CLAUDE *et al.*, 1982, p. 62).

Para Capuzzo, a câmera cinematográfica é outra possibilidade para uma experiência do inconsciente visual. “O processo de escolha de ângulos, movimentos, enquadramentos, ritmo, cor sugeridos pela câmera obedece a uma estrutura muito semelhante à relação da imagem realizada pela mente humana” (CAPUZZO, 1986, p. 10). Na realidade, diversos estudiosos constataram que a captura de imagens em movimento pela câmera cinematográfica simula o movimento do olho humano, o que torna mais fácil o processo de absorção destas imagens como reais ou cotidianas, pelo espectador. Foi essa identificação que tornou o cinema ‘revolucionário’ desde o início perante os inventos anteriores.

Para Dávila, a edição no cinema não se resume a uma simples montagem e sim ao exercício livre da criatividade.

Cinema é imagem por natureza. E a imagem, por sua vez, é realista por natureza. O cinema possibilita dois tipos de realismo: o realismo da ficção e a ficção realista. Ou seja, o cinema nos faz ver de forma realista mesmo o que é ficção. Talvez por isso os filmes que têm o jornalismo como tema sejam os mais fiéis à realidade, já que o objetivo final é sempre a busca da verdade. Mas por mais realista que seja, o cinema é uma expressão da imaginação (DÁVILA, 2003).

Quando o boom dos filmes sobre jornalismo começou nos EUA, a década de 70 e 80 era o auge do jornalismo investigativo. Quem não se lembra da imprensa, seja como mocinho da sociedade, sempre lutando contra os vilões, colegas ou políticos inescrupulosos? A exemplo de filmes como ‘Todos os Homens do Presidente’, onde ficção e realidade se confundem num período histórico da sociedade norte-americana. No filme, os célebres jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward assumiram o posto de paladinos da justiça e de heróis em busca da verdade, a toda prova. Até que ponto ali, no filme, real e ficção não se misturaram?

A seguir, um breve panorama da imprensa carioca nos anos 80.

## 1.2 Os anos 80 e a imprensa carioca

É comum a sensação, segundo Labaki, de que os anos 80 não foram vividos, mas assistidos.

A massificação do home vídeo, a concretização da aldeia global graças à CNN (1980), ao fax e aos micros, a espetacularização de notícias, encolheram o mundo e paradoxalmente dele afastaram o homem. Olhar, e não interagir, tornou-se o verbo em voga tornando-se espectador, ao invés de sujeito (LABAKI, 1991, p. 9).

A partir desta premissa, este trabalho analisará o filme ‘O Beijo no Asfalto’, de Bruno Barreto. Adaptado da peça teatral de Nelson Rodrigues, de 1961, o filme pós-cinema marginal (período posterior ao Cinema Novo e, portanto, mais comercial e menos contestador) se passa nos anos 80 em meio ao subúrbio carioca. Crítica feroz ao poder da imprensa como formadora de opinião e ao próprio papel do jornalista, Nelson compõe a trama com elementos do jornalismo policial, visto aqui de forma sensacionalista, em publicações do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer.

Baseada na história real de um antigo repórter de *O Globo*, Pereira Rego, que havia sido atropelado por um ônibus no Largo da Carioca. E, antes de morrer pedira um beijo a uma jovem que se debruçara para socorrê-lo (CASTRO, p. 314 *apud* ALVES, 2001, p. 26-27). Na trama de Nelson, o beijo é pedido a um homem e a notícia ganha títulos de espetáculo ao explorar atropelamento, homossexualismo e crime passionai (ALVES, 2001, p. 27). Do folhetim ‘Asfalto Selvagem’, Nelson traz ainda Amado Ribeiro, repórter sensacionalista, inspirado no colega Amado Pinheiro, da editoria de polícia.

A imprensa dos anos 70 e 80 será marcada, de acordo com as autoras Ana e Betina, por uma transição entre modelos de impressão mais arcaicos para uma fase de informatização das redações e das gráficas, com a introdução dos computadores nas redações, a digitalização progressiva da diagramação, o aumento do uso das cores e dos recursos gráficos nas edições, a melhoria da qualidade do papel e da impressão, acentuando um processo em curso desde o início do século 20, que é a transformação do jornal em produto atraente e comercializável, capaz de seduzir e satisfazer o leitor/cliente (ENNE; DINIZ, 2003).

Mas é quando a figura do “misterioso Mão Branca” (criação do repórter Jorge Elias, do *Última Hora*)<sup>1</sup> aparece nos jornais, que a imprensa carioca experimenta a diminuição do número de jornais, conflitos entre jornalistas e patrões, abertura política, dentre outros. Na virada dos anos 80, são quatro os principais jornais que

---

<sup>1</sup> Sucesso recorrente nos jornais cariocas dos anos 80, o personagem “Mão Branca” foi legitimado pela imprensa como um “matador”, “exterminador” e “justiceiro” da sociedade. Atuante na região da Baixada Fluminense, marcada historicamente pela ação de grupos de extermínio no final da década de 70. Seu jornalista-inventor, Jorge Elias, chegou a ser ameaçado pela “morte” da personagem, e viu com desgosto, sua cria voltar-se contra o criador, quando diversos grupos começaram a utilizar a assinatura do “Mão Branca” para suas práticas de assassinato. O personagem era uma espécie de benfeitor contra os males da sociedade e tema diário nas conversas entre as mais diferentes classes (ENNE; DINIZ, 2003).

disputam a preferência dos leitores: a já citada *Última Hora*, *O Dia*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*.

A questão central aqui é descobrir porque a peça foi levada aos cinemas 20 anos depois e sob a égide dos anos 80? Inicialmente, o interesse pessoal de Bruno Barreto pelo cinema se deu por influência do pai, o produtor Luiz Carlos Barreto. Ao lado do irmão, Fábio, dirigiu grandes sucessos como 'Dona Flor e seus dois maridos' e 'O que é isso, companheiro?'. Em 1980, por inspiração do pai, que era jornalista, cria o roteiro de 'O Beijo no Asfalto', de Nelson Rodrigues. Mas, o que poucos sabem, é que seu pai Luiz Carlos Barreto foi também revisor, repórter fotográfico e diretor de fotografia em alguns filmes. Foi a partir do jornalismo que se deu a aproximação dele com o cinema. Primeiro como correspondente de grandes festivais, a exemplo de Cannes, na França. E depois, ao conhecer o cineasta baiano, Glauber Rocha, que Luiz entrou de vez no Cinema Novo (movimento no qual cineastas do Rio e Bahia, desconhecidos da grande indústria, defendiam um cinema mais realista, barato e com mais conteúdo) (RAMOS; MIRANDA, 1997, p. 45-46).

É nesta década, segundo o professor de cinema da USP, Ismail Xavier, que o cineasta brasileiro passa a se conhecer de forma mais incisiva como parte da mídia que tanto tematiza. Para o autor, a confirmação da tese de que o cinema caminha na sociedade e em sua intervenção, fazendo com que o cineasta perceba sua necessidade de expressão, suas preocupações temáticas, seu envolvimento com a linguagem e sua relação com o espectador (XAVIER, 2001, p. 55). Em linhas gerais, seria impossível falar da história de um país sem remeter ao seu cinema e vice-versa.

Em 1978, com a revogação do AI-5, que os limites impostos aos jornais passaram a ser assegurados pela Lei de Segurança Nacional, que podia ainda estabelecer crimes de imprensa e conferir ao ministro da Justiça a função de suspender periódicos, caso necessário. Apesar da Lei de Segurança ter sido abolida ainda no governo Figueiredo, foi apenas com a promulgação da Constituição de 1988 que a imprensa recuperou a plena liberdade de expressão (ENNE; DINIZ, 2003).

Resistente à época, mesmo após os períodos áureos de Getúlio Vargas, o jornal *Última Hora* trouxe assim como *O Dia*, manchetes de capa sobre a atualidade carioca carregada de violência que despertavam a curiosidade do público, sempre

ávido pelo espetáculo, pelos *fait-divers* e pela notícia soerguida com elementos do folhetim e da ficção. Vejamos o que dizem as autoras sobre o jornal e seu “*modus operandi*”:

No início dos anos 80, trata-se de um jornal em crise, com substancial perda de público e anunciantes, voltado exatamente para as classes mais baixas em termos de estratificação sócio-econômica. Seu conteúdo, neste sentido, é predominantemente sensacionalista, com destaque para matérias policiais e *fait divers*, construídas em tom melodramático e com forte apelo popular, principalmente por carregar marcas da linguagem coloquial e da oralidade (ENNE; DINIZ, 2003).

Para as autoras, a tríade: humor, espetáculo e emoção é perfeita para a ficção, eixo central da personagem jornalista no cinema. Mas para ir mais a fundo nesta personagem-protagonista de ‘O Beijo ..’ será preciso entender quem foi Nelson Rodrigues, o autor por trás do filme. Sua vida, seu jornalismo, seu teatro e as inúmeras adaptações para o cinema que serão o tema do próximo capítulo.



## Capítulo 2

Para entender a obra faz-se necessário expor um pouco da biografia do autor. “Já que “o artista está imerso em uma determinada cultura, sofre influência e possui ídolos” (PINTO, 1995, p. 43). Neste capítulo serão mostradas a vida e a obra de Nelson Rodrigues, que criaram as condições exatas para o surgimento de um universo particular, o rodrigueano. Ao final, será analisado o contexto em que se deram a peça e a adaptação para o cinema de ‘O Beijo no Asfalto’.

A carreira de Nelson, que viajou pelos mais diversos campos da literatura, lida com a parte mais desagradável do imaginário social. Sem a intenção velada de impor ou mesmo definir parâmetros como certo e errado, sua obra expõe a fatalidade e as vicissitudes do ser humano, sempre sob o olhar crítico e observador do escritor-jornalista.

Sua criação literária funde-se em observações sobre a sociedade e a imprensa, onde fora criado. Conclui-se assim que, ao longo de sua trajetória, Nelson fez mais do que tudo, jornalismo, de quase todos os gêneros.

### 2.1 Nelson e o jornalismo policial

Segundo o jornalista Marco Zanfra, em seu Manual de Polícia, disposto no site “Comunique-se”, a falta de informação a respeito de assuntos que envolvam o jornalismo policial se tornou conseqüência lógica da condenação e desaparecimento que essa área de reportagem sofreu, a partir do final da década de 70. Os repórteres de polícia eram formados nas próprias redações, numa espécie de transmissão oral de tradições e conhecimentos.

No Brasil, segundo relata Luiz Amaral (1982), no livro Jornalismo, Matéria de Primeira Página, o noticiário policial se desenvolveu muito com a chegada do Estado Novo. Sem material suficiente de informação, devido à censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), os jornais recorreram à publicação de notícias esportivas e policiais. O estilo do jornalismo feito anteriormente à era da objetividade era impressionista-opinativo (LUIZ *apud* ALVES, 2001, p. 13).

Os próprios jornais davam grande valor à editoria de polícia, geralmente mostrando histórias extremamente folhetinescas, muitas vezes com uma profusão de detalhes um tanto quanto suspeita. A rotina do repórter policial traduzia-se em:

Ouvir fofocas, falar com vizinhos maldosos, publicar boatos, inventar detalhezinhos para enriquecer a história e, sobretudo, tirar conclusões e julgar os fatos. Era um jornalismo essencialmente opinativo, até mesmo fofoqueiro. A mentira chegava a ser estimulada por alguns diretores. Gostava-se de "literatices". E os redatores, considerando-se e considerados verdadeiros ficcionistas, eram daqueles que procuravam a melhor frase de efeito para a situação (*apud* [http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson\\_rodrigues/jornalismo4.htm](http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/jornalismo4.htm), Abril 2007).

Mas, de onde o jornalista extrai o seu texto, a sua linguagem? Seria a mídia um espelho da sociedade? Entre a pressão de agradar o público e seu patrão, o jornalista acaba por repetir velhas fórmulas que garantam um resultado, no mínimo, satisfatório. Dito isso, é provável que ele tenha incorporado uma série de valores da cultura, tais como, a fofoca, o gosto pela vida alheia, etc. A verdade é que com base no real, o que caberia a um jornalista senão falar da vida? E o que faz a vida? Principalmente num jornalismo opinativo, popular, como já foi o caderno de polícia, a linguagem mais popular, atrativa, é que vende jornal. Não muito distante dos fenômenos de hoje, a venda na banca por R\$ 0,50, ou em referência aos tablóides londrinos.

A "caravana" do jornal, como era chamada a dupla de repórter e fotógrafo, naquele tempo, segundo o escritor-jornalista Ruy Castro, quando chegava antes da polícia, promovia verdadeira devassa na vida dos envolvidos, "julgavam-se no direito de vasculhar as gavetas da família e surrupiar fotos, cartas íntimas e róis de roupas". E, para completar, o repórter "era estimulado, quase intimado pela chefia a mentir descaradamente" (CASTRO *apud* ALVES, 2001, p. 14).

Por causa da grande quantidade de crimes passionais, ainda segundo o site de Nelson Rodrigues, os repórteres policiais eram as verdadeiras estrelas da redação, abaixo apenas dos redatores políticos e do editor da página literária. O jornalista da época não tinha uma única pitada de objetividade e distanciamento, características tão defendidas pela imprensa atual.

Criado por um pai que acreditava na produção das notícias, Nelson impregnou este lema em seu estilo: algumas de suas crônicas jornalísticas são misturas indisfarçadas da ficção com a realidade (PINTO, 1995, p. 44). Foi assim com Suzana Flag, pseudônimo de grande sucesso entre as décadas de 40 e 50, com o qual assinou seis dos seus oito folhetins. Traição, morte, vício e personagens frustrados. Eram esses os temas obsessivamente rodrigueanos (GUEDES, 2000, p. 12).

Sua estréia no jornal se deu em 1925, então com quase 13 anos. Jornalista prodígio, Nelson ingressava no jornal *A Manhã*, do polêmico e combativo, Mário Rodrigues, seu pai (apud [http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson\\_rodrigues/jornalismo1.htm](http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/jornalismo1.htm), Abril 2007).

Única alternativa comum à época, ele entrou direto na reportagem policial, onde a grande maioria dos aspirantes a repórter começava. Sua primeira matéria foi sobre o atropelamento de um rapaz por um automóvel, na Rua São Francisco Xavier (apud [http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson\\_rodrigues/jornalismo6.htm](http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/jornalismo6.htm), Abril 2007). Temas como esse, ao lado de suicídios, homossexualismo, escândalos, entre outros, que apareceriam mais tarde, em sua obra.

Gênero pelo o qual foi apaixonado, segundo a monografia Nelson Rodrigues e a Reportagem Policial, Nelson ingressou em 1951, no jornal *Última Hora*, de onde viria a coluna diária de grande sucesso 'A vida como ela é ...', a pedido de Samuel Wainer. A intenção era escrever crônicas baseadas em fatos da realidade, mas Nelson, pouco depois, começou a inventar as histórias, tornando-se um dos jornalistas mais populares do Rio nos anos 70.

Sobre o sensacionalismo tão recorrente no *Última Hora* e nos jornais da década de 70/80, Ciro Marcondes Filho explica ser esta uma condição inerente ao jornal. Para ele:

"O que vai diferenciar um jornal dito "sensacionalista" de outro dito "sério" é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor que a manchete" (FILHO apud ALVES, 2001, p. 8).

Como tudo é imagem e deve atrair pelos olhos. A notícia e o jornal não escapam desta ditadura visual. É preciso agradar, mais do que estar bem escrito. É preciso ter boas fotos, mais do que simplesmente expor fotos; ter um título curto e criativo, que já fale por si só o que vem a ser a matéria e ter um primeiro e segundo parágrafos muito bons, que já resumam toda a notícia. Assim, há de se fisgar o leitor, de imediato, acompanhando seus olhos no texto, com cores, mulheres peladas, futebol, sexo, para que venda-se, ao menos, a cota do dia.

Arte esta que Nelson fazia tão bem, fosse no teatro ou no jornalismo. Embora, como verifica-se a seguir, não fique muito clara a distinção.

## 2.2 O jornalismo no teatro de Nelson

A vida de Nelson foi marcada por várias desgraças, segundo a biografia de Ruy Castro. As diversas prisões do pai, sempre envolvido em atentados à lei de imprensa; o assassinato absurdo de seu irmão Roberto, na redação da *Crítica*; a morte do pai, desgostoso com a perda do filho; as privações financeiras e o desemprego dos Rodrigues; o prolongado período de fome e miséria; a tuberculose com a qual teve de conviver; a morte de Jofre, seu irmão predileto, por tuberculose; o trágico desaparecimento de seu irmão Paulinho e toda sua família; a prisão e as torturas de seu filho Nelsinho, entre outros acontecimentos até sua morte, por insuficiência cardiorrespiratória, em 21 de dezembro de 1980 (PINTO, 1995, p. 46).

O próprio Nelson acreditava que “todo autor é autobiográfico” e não fazia segredo sobre o fato de muitos de seus personagens serem pinçados do real (ALVES, 2001, p. 18). Vejamos:

Seja como cenário ou como personagem, a redação do jornal está inscrita no universo rodrigueano. Jornalistas conhecidos, muitas vezes, são transportados da realidade à ficção sem terem ao menos seus nomes trocados, como o repórter Amado Ribeiro, de ‘O Beijo no Asfalto’. Alguns representam o estereótipo da profissão, assim como repórteres e locutores anônimos, que atuam como personagens secundários em algumas peças (ALVES, 2001, p. 18).

Para Maria Rocha (1988), com a tese *Drama, Matéria de Primeira Página: O Trânsito da informação em Nelson Rodrigues*, o jornal se destaca para Nelson como elemento central e catalisador da aprendizagem do conteúdo dramático: do jornal partiria “a percepção da realidade, sob o prisma da manchete, do slogan, do clichê do cotidiano devassado pela imprensa, com seu poder avassalador de formador de opinião pública” (RIBEIRO *apud* ALVES, 2001, p. 19). Volta-se aqui ao cotidiano retratado pela imprensa, que acaba com o passar do tempo, sabendo o “gosto do freguês” e estabelecendo com este uma relação de dependência.

Para o professor de teatro Eudinyr Fraga, no artigo “As Vinhas da Ira de Nelson Rodrigues”, o diálogo direto, enxuto, preciso do autor é fruto de sua linguagem jornalística, repleta de reticências, cortes bruscos, frases inconclusas. Para o professor e ensaísta Ismail Xavier (2003), é este diálogo do dramaturgo que facilitaria de imediato, qualquer adaptação do texto para o cinema.

Daniel Filho, personagem do repórter Amado e hoje cineasta, disse certa vez sobre o diálogo em Nelson:

O Nelson usa bastante reticências nos diálogos, ele não completa a frase, porque ele deixa para você preencher com a palavra que quiser. Ele te empurra para isso, é como se ele gaguejasse e você terminasse a frase por ele. Isso dá uma satisfação ao espectador. Se é uma palavrão, se é uma palavra santa, você põe o que quiser (*apud* [http://www.heco.com.br/nelson/obra%20comentada/05\\_01\\_02.php](http://www.heco.com.br/nelson/obra%20comentada/05_01_02.php) , Março 2007).

Este “carioquismo” verbal estilizado se estenderia às suas personagens e situações. Na maioria, flagrantes cariocas da classe média ou baixa. Estereótipos de prostitutas, jornalistas, advogados, policiais, malandros, funcionários públicos humilhados, políticos corruptos (FRAGA, 2000, p. 14).

Desta dramaturgia, escolhe-se o texto teatral de ‘O Beijo ...’, que trata de forma intensa o fazer jornalístico.

### 2.2.1 A montagem de ‘O Beijo no Asfalto’

Apesar do ano em que foi encenada, a peça ‘O Beijo no Asfalto’ conserva um caráter atual denunciado por Nelson há mais de 40 anos. Uma verdadeira aula do que não se deve fazer no jornalismo. Apesar disso, a concentração na mídia continua, cada vez mais, forte e influente. Portanto, o filme pode ser considerado um alerta, “uma crítica feroz à mídia” (*apud* [www.jornalismo.ufsc.br/nelson\\_rodrigues/o\\_beijo\\_no\\_asfalto](http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/o_beijo_no_asfalto), Abril 2007).

Sobre a personagem, Magaldi destaca no livro *Teatro Completo*, algumas características que Nelson imputa ao jornalista, dando-lhe a dimensão de uma de suas personagens mais fortes: maligno, cruel, inescrupuloso, infame e, finalmente, desesperado. Seu escopo é de vender jornal, não importa à custa de que artifício (MAGALDI, 1990, p.12). Em ‘O Beijo no Asfalto’, a personagem-jornalista não poderia ser outra senão baseada no real, com elementos do real, observados atentamente pelo crítico-autor Nelson Rodrigues. Com isso, toma vida o pior dos jornalistas, o pior do jornalismo.

Nas palavras do amigo esta foi uma das peças mais explícitas de Nelson sobre o jornalismo, chegando a lhe causar problemas bem reais. Vejamos.

Nelson Rodrigues tinha recebido uma procuração do dono do jornal, Samuel Weiner, concordando com a veiculação do nome da empresa. Weiner não tinha se importado nem mesmo com as opiniões das personagens sobre o jornal, tachado sempre de sensacionalista e pertencente à imprensa marrom. Os outros repórteres do jornal *Última Hora*, porém, não gostaram e passaram a ignorar o dramaturgo. Pressionado, Samuel Weiner chamou Nelson Rodrigues em sua sala

particular e pediu que ele retirasse o nome do jornal do texto. O dramaturgo deu a idéia à companhia, mas concordou quando o ator Fernando Torres disse que todos conheciam o texto e aquele ato acabaria descaracterizando a peça. Nelson Rodrigues pediu demissão, do jornal no qual havia trabalhado por 10 anos, e se mudou de mala e cuia para o jornal *O Globo*, de Roberto Marinho, então com 22 anos (*apud* [http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson\\_rodrigues/o\\_beijo\\_no\\_asfalto.htm#](http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/o_beijo_no_asfalto.htm#), Abril 2007).

No cinema, segundo Magaldi as “tragédias cariocas” compunham junto com os folhetins, o conjunto maior de obras teatrais de Nelson adaptadas entre os anos de 1962 a 1980. Ainda assim, só em 1962, a partir do filme ‘Boca de Ouro’, de Nelson Pereira dos Santos, é que esse processo deslançou abrindo o caminho para outros cineastas (MAGALDI *apud* PELLEGRINI *et al.*, 2003, p. 75). A partir daí, os diálogos de Nelson e a variedade de seus personagens, principalmente, os extraídos do cerne familiar, atraíram diversos diretores nos anos 60 e 80, que viam no autor uma liberdade para afrontar os valores vigentes.

### **2.3 O filme ‘O Beijo no Asfalto’**

Segundo Ismail Xavier, no artigo “Anatomia da Decadência” (2000), o cinema brasileiro conta com um elenco de 20 longas-metragens adaptados e produzidos até 1999. É de 1964 a primeira versão para ‘O Beijo no Asfalto’, do cineasta paulista Flávio Tambellini, que era também crítico de cinema, produtor e publicitário (MIRANDA, 1990, p. 331-332). “A segunda grande onda de adaptações rodrigueanas surge em 1978, com o impacto de ‘Dama da Lotação’, de Neville D’Almeida. É o momento do apogeu do “cinemão”, do “filme de mercado” (1978/1983), de qual faz parte a versão final de ‘O Beijo no Asfalto’ (1980), de Bruno Barreto”, inspirada nas primeiras adaptações literárias do cineasta. Da versão de Tambellini, feita toda em preto e branco, o filme ganhou o título de ‘O Beijo’ e trouxe um ar experimental, até mesmo por ser o primeiro filme deste como diretor. Posto assim, as duas versões trazem olhares bem diferentes apesar da fidelidade ao texto rodrigueano.

No filme, o jornal é tratado como personagem e cada nova notícia sobre o beijo dado no atropelado vai tecendo o destino trágico do herói Arandir, que não consegue lutar sozinho contra o poder destrutivo do mau jornalismo. O roteiro vai fundo no processo jornalístico, mostrando a construção de uma notícia

sensacionalista e as conseqüências de sua veiculação. O jornal, que deveria ter como premissa o estabelecimento da verdade, acaba deturpando os fatos (DÁVILA, 2003, p. 74). “Erros” que hoje em dia seriam expostos em pequenas notas como Erramos, reparação ainda sem o menor destaque, em proporção ao dano que pode causar às vítimas.

“Flor de obsessão”<sup>2</sup>, como o autor gostava de se auto-denominar, girava sempre em torno dos mesmos temas e personagens para suas histórias. No filme, um único episódio permeia toda a trama. É o beijo entre dois homens que faz o atropelamento parar na primeira página. Provocando na opinião pública uma reação moral e punitiva que adota Arandir como bode expiatório. Por outro lado, o jornal corrobora para a manutenção do *status quo*, entendido aqui como “bem comum”, mas que representa a preservação dos valores de uma classe dominante (ALVES, 2001, p. 29). Novamente a mídia perpetuando seus jogos de interesse e relações de poder.

Para o site Jornalismo em Cartaz, o mais interessante é observar as estratégias do jornalista para transformar a história. Ele ultrapassa a função de repórter, publica denúncias sem provas, interfere no andar da investigação, ameaça testemunhas para que deponham da maneira que lhe convém e não respeita a privacidade das fontes. Abaixo, uma das seqüências mais sórdidas do repórter:

**Aprígio (apavorado)** – Crime?

**Amado** – Crime! E eu provo! Quer dizer, sei lá se provo, nem se interessa. Mas a manchete está lá, com todas as letras: CRIME.

(...)

**Aprígio (mais incisivo)** – Tem certeza?

**Amado (sórdido)** – São outros quinhentos! Sei lá! Certeza, propriamente. A única coisa que sei é que estou vendendo jornal como água. Pra chuchu. (MAGALDI, 1990, p. 143)

Sem conhecer muito cinema, Nelson Rodrigues chegou a aventurar-se na construção dos diálogos de diversos filmes como ‘O Beijo no Asfalto’, para complementar a renda. Já para suas adaptações, ele fazia questão de prestigiar os *sets*, entrevistas e atores, mas sempre sob um olhar distante e pouco receptivo. Já

---

<sup>2</sup> “Ele próprio se alcunhava “Flor de Obsessão”, confessando desde sempre que a repetição de temas e personagens era, sim, mais do que uma característica de sua obra, um método mesmo de composição” (GUEDES, 2000, p. 12). Ele, um obsessivo nato, que tinha o amor, a mulher, as relações humanas, a solidão e a doença como algumas de suas predileções (*apud* <http://www.revista.agulha.nom.br/ag26rodrigues.htm>, Maio 2007)

que sua maior paixão residia no teatro, ao qual dava vazão a sua legião de personagens e apreensões do mundo.

Contudo, é preciso destacar a importância da versão de Barreto, que se inclui como obra essencial a estudantes e profissionais do jornalismo, como os catálogos norte-americanos à lá 'A montanha dos Sete Abutres', 'Cidadão Kane' e 'Todos os Homens do Presidente'.



## Capítulo 3

A imprensa que tanto precisa de mitos, alimenta-os, é ela própria uma espécie de mito: devorador e devorado? A pergunta enfática e passível de discussão foi levada ao ar, pelo jornalista Alberto Dines, no programa Observatório da Imprensa. Considerada a última profissão romântica, ela já foi idealizada pela literatura e, sobretudo, pelo cinema. A sétima arte e a literatura serviram como válvula de escape para o exame da mídia, segundo o editor de Cultura do Estado de S. Paulo, Luiz Zanin (DINES, 2004).

A bem da verdade, a figura do jornalista sempre exerceu fascínio nas pessoas, o que contribuiu para a construção e manutenção do imaginário da profissão. Mas foi graças ao cinema, ainda segundo Dines, que sua representação se popularizou. É nela, que o repórter ambicioso, ávido pela fama foi retratado em várias produções. São estereótipos, que definem o perfil ideal de jornalista. Mesmo sendo este um trabalho personalizado, seguindo critérios de cada veículo ou empresa e somado ao perfil próprio de cada indivíduo.

Sem atentar muito para a forma como se constitui este imaginário, questão que extrapolaria as dimensões e objetivos desta pesquisa, este capítulo tenta resgatar algumas das definições constantemente ouvidas e reproduzidas por profissionais e estudantes de jornalismo. Esta interpretação idealizada da profissão, principalmente do repórter (figura central do jornalismo), que mitifica pessoas comuns e as transfigura em atemporais e fixas, é sentida pela repetição de rituais diários na prática jornalística e ao longo da carreira. Haveria, assim, uma receita para o “sucesso”? Um manual de como ser jornalista? Como o jornalista encara a profissão? Por fim, de onde vieram tantas “verdades”?

### 3.1 Mitos e Estereótipos

Voltando ao tema jornalista como personagem, apresentado pelo jornalista Alberto Dines, no programa Observatório da Imprensa, da TV Nacional, o professor da USP, Mauro Alencar, comenta:

O jornalista vive uma tensão, por isso na ficção, ele é apresentado ora como carreirista (concepção negativa), ora como sensacionalista vulgar, ora como valente homem na defesa da justiça e da verdade, ora como velho jornalista e suas antigas máquinas, ora como testemunha imparcial ... Isso tudo revela os não-limites dos jornalistas. Esta é uma das profissões

que não tem forma limitada, a não ser em profundidade pelo próprio jornalista (DINES, 2004).

Como muitos mitos acerca da profissão já caíram em desuso, como “romântico” e “boêmio”, por exemplo, este trabalho tomou por rumo elencar, de forma simplista, três definições que ainda sedimentam o perfil ideal do jornalista. Dois se remetem à literatura: Dom Quixote e Maquiavel.

Para Isabel Travancas, em seu livro *O jornalista como personagem no cinema*, o estilo de vida pode ser mais um dos estereótipos empregados na profissão, degenerando-se facilmente em rótulos como “fumante”, “boêmio”, etc, a serem mais detalhados nesta pesquisa. Aliás, o que não faltam ao jornalismo e ao jornalista são mitos, tais como: “verdade”, “furo”, “objetividade”, “glamour”, “intelectual”, “boêmio”, “super-repórter”, “escritor” e tantos outros que se misturam.

Aqui, a definição de mito, estabelece relação com o estereótipo a partir da necessidade de harmonização de conflitos pelo homem. Em suma: para que pensar, questionar, se já existem pré-definições e respostas? Nesse contexto, o mito sustenta o mundo, explicando-o, por meio de “verdades” edificadas pela cultura. Ao passo que o estereótipo reproduz exatamente esta imagem concebida pelo senso comum. Portanto, os estereótipos reautorizam o mito, dando-lhe inclusive, uma nova roupagem, que ajuda a camuflar sua presença.

Mas acreditar “pura e simplesmente” nesses estereótipos, segundo a jornalista Lúcia Pires, do Zero Hora, poderia pôr em risco todo o sucesso da profissão.

Cada pessoa, independentemente da formação, direciona a carreira de acordo com sua personalidade. Ou seja, professor não precisa ganhar mal, jornalista não precisa escrever (ser escritor), advogado não precisa gostar de falar em público e médicos nem sempre são bem-sucedidos” (*apud* [http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia\\_clipping\\_cdjee.html](http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_cdjee.html), Abril 2007).

Por outro lado, seria o mito, uma pseudo-verdade? Crueldade, realidade ou seleção? Imagine-se “a pressão” que estes não exercem naqueles que não se moldam ao padrão? Quantos já não mudaram ou desistiram de uma profissão por não sentirem-se aptos a seguir tal ideal? É essa distorção da realidade, quase caricata, que a mídia ajuda a glamourizar, segundo o artigo “Rio de Janeiro: Estereótipos e Representações Midiáticas”, de João Freire, publicado na Compós.

Deste modo, que o estereótipo da profissão é mantido e até mesmo alimentado pelos estudantes do curso, independente do semestre, como diagnosticado na

pesquisa de campo realizada neste estudo. Disto se conclui, desde já, como resultado parcial, que a idealização do profissional não é atitude exclusiva dos que se encontram fora da área de atuação. Infelizmente, faculdades e mercado seguem seus programas e condutas didáticas embaçados por dezenas de mitos e meias-verdades, que, como mencionou a repórter, prejudicam a criatividade e espontaneidade do jovem profissional atraído pela possibilidade de experimentar-se.

A seguir, o primeiro “modelo”.

### **3.1.1 Complexo de Clark Kent**

Para o jornalista Geraldinho Vieira, em seu livro-entrevista *Complexo de Clark Kent*, “a ficção coloriu uma profissão onde o dia-a-dia é uma maravilhosa aventura no combate aos males sociais e na procura da verdade, onde as portas se abrem a toda sorte de liberdade, de manipulação da realidade ao acesso e divulgação da informação” (VIEIRA, 1991, p. 12).

Na análise de Vieira, o poder da palavra, da imagem, da seleção e interpretação dos fatos, e de sua multiplicação cria a ilusão do super-repórter. Ainda que o super-homem tenha sido criado há 52 anos, nos tempos do pós-guerra e de uma América sedenta por novos mitos.

Em seu livro, Geraldinho desdobra diversos ramos do jornalismo expondo ao leitor verdadeiras pérolas sobre o mito do super-homem, que na relação com o jornalismo simbolizaria, entre outros, o profissional faz-tudo e sem limites.

Alguns citam a paixão para seguir na carreira. Para Geraldinho, o estudante de jornalismo tem fantasias a respeito da profissão como transformar o mundo, fazer uma revolução através do que escreve.

Alberico Cruz, da Central Globo de Jornalismo, explica este fascínio que tanto encanta os jovens para o jornalismo:

Muitas vezes, para eles, jornalismo significa ter poder, ser importante. Eles conseguem ver o lado favorável da profissão quando na verdade ser jornalista no Brasil é cumprir uma missão muito difícil. (...) O jornalismo deve ter sua parcela de poder e de dificuldade como qualquer outra profissão. É uma coisa complicada e os jovens precisam desmistificar sua visão da profissão (VIEIRA, 1991, p. 62).

Para a jornalista Marília Gabriela, mudar o mundo seria um segundo passo após conhecer a verdade e veiculá-la. Mas, uma de suas frases mais intrigantes,

durante a entrevista, foi: “É no jornalismo que você tem a possibilidade de conhecer o que há de melhor e o que há de pior na vida” (VIEIRA, 1991, p. 82).

Mas, até que ponto, incorporar este Clark Kent seria prejudicial ao exercício da profissão e, até que ponto, ele serviria como estímulo?, pergunta Geraldinho ao jornalista Augusto Nunes, de O Estado de S. Paulo. Vejamos.

Não me acho Clark Kent ... Já tive este complexo, que é normal no início da carreira, mas depois você amadurece e esquece esta bobagem de “Quarto Poder” – que não somos. E acaba aprendendo e assimilando a concepção correta da prática, que é a busca da verdade, qualquer que seja ela (...) Apure e conte, com paixão (...) Alguns chegam a falar em missão e coisas do gênero ... eu não tenho esta visão mística do jornalismo. A ausência de rotina, para quem gosta, dá um charme a profissão, mas certamente não é tão charmosa a vida do jornalista quanto a do Clark Kent (VIEIRA, 1991, p. 29).

Em outra pergunta, Marcos Sá, da Veja e Jornal do Brasil, responde:

Qualquer profissional melhora quando é tocado por algum tipo de paixão. Isso também diferencia o bom do mau jornalista, mas essa coisa com o tempo tende a ser depurada, tende a mudar de forma. (...) Mas, raramente descobri um jornalista profissionalmente interessante que fosse também um cético (VIEIRA, 1991, p. 42).

Acerca do que julgam alguns sobre o mito do jornalismo investigativo, o radialista Marco Antônio Gomes, da Nova Eldorado AM, declara: “Fica todo mundo falando em jornalismo investigativo como se houvesse outra possibilidade. Ora, o mínimo que um jornalista tem que fazer é investigar”. E complementa sobre o complexo do repórter-herói, Clark Kent:

O Complexo de Clark Kent existe, e não apenas nos estudantes, mas em profissionais com muito tempo de estrada (...) Mas, o ofício – prefiro falar em ofício que em profissão – exige que você tenha humildade. Você tem que se posicionar sim, mas tem que ter um senso crítico muito apurado para perceber que efeito tal notícia vai causar se divulgada naquele momento específico, sobretudo se você não tiver absoluta segurança sobre a informação que vai colocar no ar (...) Na minha geração o Complexo era bastante ativo. Jornalista tem também um bocado de Dom Quixote e de Maquiavel, é sempre preciso equilibrar estas tendências (VIEIRA, 1991, p. 99).

Sobre o perfil ideal do jornalista, Otávio Frias, da Folha de S. Paulo, responde:

O perfil do jornalista ideal não teria muita novidade: uma pessoa que saiba escrever corretamente com rapidez; uma pessoa de boa formação intelectual, de preferência – mas não necessariamente – com algum tipo de especialização; uma pessoa com muita curiosidade não só intelectual, mas com muita curiosidade de vida. Costumo dizer que o bom jornalista é uma pessoa que gosta de viajar, que gosta de conversar, que vai ao cinema, que lê livros. E é preciso que seja uma pessoa disciplinada” (VIEIRA, 1991, p. 23).

Clichês à parte, esta última definição, dada pelo radialista Marco Antônio, redirecionou o trabalho para os outros dois personagens-mitos, que ganharam destaque para esta análise. Ao passo que, a “apuração” destes “estereótipos”, “papéis” não foi precisamente validado pelos profissionais do ramo, que em grande parte das vezes, os rejeitam ou não dispõem tempo para observá-los. Diante desta dificuldade, torna-se infundada toda e qualquer especulação sobre as diversas hipóteses.

Super-herói ou não, é preciso muito jogo de cintura para percorrer a profissão e uma certa política para lidar com diferentes públicos e pressões. A seguir, outro modelo “romantizado”.

### 3.1.2 Dom Quixote

Nas palavras de Walter Boechat (1995), o cavaleiro Dom Quixote representa o símbolo da luta pelo ideal, pela doação de si mesmo. Visto combater por um valor que ele considera maior que si próprio. Em suma: Dom Quixote se propõe a defender os fracos e os oprimidos.

A luta infatigável pelo ideal significa luta contra o realismo, contra o pragmatismo, contra o bom senso acomodador, contra a passividade, contra o espírito de compromisso. (...) Mas, Dom Quixote é otimista. Acredita na vitória do seu ideal e cultiva permanentemente o sentimento heróico da vida (BOECHAT, 1995, p. 15).

Da história de Cervantes, sabe-se que ele era um cavaleiro andante que vivia num mundo de sonhos, ao lado de seu fiel escudeiro, Sancho Pança. E que no século 17, resolveram caminhar pela Espanha à procura de aventuras (*apud* <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/942>, Abril 2007). Ainda segundo o site, a herança de Dom Quixote é tão forte que existe até um adjetivo – quixotesco – para se referir aos homens que, como aventureiro, são extremamente idealistas.

Haveria aí alguma semelhança com o papel do jornalista? Crê-se que, miticamente falando, sim. Eis um dos ideários da profissão, do sentido de missão e até mesmo destino.

A seguir outro personagem fantástico, que compreenderia em si, a dicotomia tão comum na profissão. Conflito que, aliás, se faz presente desde a produção da

notícia, passando pela apuração ao dia-dia de uma redação (entenda-se: ambiente no qual o profissional atua).

### 3.1.3 Maquiavel

Sobre o poder, numa certa interpretação da política individual e social, o estudioso da comunicação, Artur da Távola discorre sobre os impérios da comunicação, nos quais a mão-de-obra é o jornalista. E sob qual estende-se também este jogo de poder.

É um jogo de poder ao mesmo tempo fascinante, ao mesmo tempo sórdido como jogo de inteligência, artimanha, como estratégia e no meio disso tudo: o ser humano jornalista espremido por todas essas realidades precisando encontrar o que eu chamo de não-limites para encontrar os limites da profissão (DINES, 2004).

A partir deste contexto, quem não conhece a frase: “Os fins justificam os meios”, pronunciada há séculos pelo historiador, poeta, diplomata, músico e filósofo Maquiavel? Este que era antes de tudo um político e nutria verdadeira paixão pelas formas do poder. Após sua morte, segundo sua biografia, a teoria política de Maquiavel e, por conseguinte, o próprio nome do filósofo ganhou sentido pejorativo consolidando-se à expressão “maquiavelismo”, que significa conjunto de ações ameaçadoras ou pouco confiáveis. Seria esse um dos males da política? Mas, assim como os jornalistas, ele foi tomado como bode expiatório da sociedade. E, portanto, responsabilizado por praticamente tudo que ocorria e afetava o bem-estar coletivo (entrelaçado às decisões política).

Sob este ponto de vista, seria “maquiavelismo” então, sinônimo de mal caratismo ou malandragem? No Dicionário de Política, esta é uma expressão usada para indicar um modo de agir, falso e sem escrúpulos, na vida política ou em qualquer outro setor da vida social, implicando o uso da fraude e do engano mais que da violência (BOBBIO *et al.*, 1991, p. 738). No caso específico do jornalista, ele deveria ser capaz de tudo pela fonte, pelo furo, pela notícia? Em nome do povo ou por pura satisfação egoísta?

Para Vinícius Soares (2004): estão aí as regras do jogo, como se jogam os dados. O que deve ser feito para se chegar lá. Sem censura, era preciso descobrir o melhor lance – o lance que ganha a partida. Não seria posto ao jornalista também esta habilidade? Em nome do povo, em nome da justiça, em nome da verdade ou

mesmo das partes interessadas no jogo, esta última essencialmente uma atitude política?

Para Maquiavel, todo homem busca o poder e a glória. O que para a jornalista Isabel Travancas viria vinculado também a elementos como honra e prestígio. Neste contexto, ela destaca a ilusão do poder onipotente como um dos maiores perigos da profissão. Pondo em risco, inclusive, a perda de foco na carreira (TRAVANCAS, 1993, p. 96).

Na obra *O pensamento vivo de Maquiavel*, Eide Carvalho menciona outro pensamento do escritor de *O Príncipe*. Referente à força do governante, que precisaria em nome do bem-estar social, agir conforme as circunstâncias, fossem elas boas ou más. Para o jornalismo, qual não seria outro princípio, além do interesse público? Ao qual escreve e deveria ser seu primeiro e último padrão? Leitor/Ouvinte/Telespectador, a quem deve credibilidade e, em tempo hábil, o melhor conteúdo. A este não interessam os meios, a produção da notícia, o que fez o repórter e sim a notícia. Se possível, com o máximo de detalhes para que ele (leitor) não mude de canal (veículo).

Mas, retomando ao título deste trabalho: o que é ser jornalista, afinal? O que move alguém a ser jornalista? O que o encanta na profissão? Imerso em tantos estereótipos, mistificações da persona jornalista cabe delinear aqui, alguns pontos do cotidiano deste diversificado profissional.

Por fim, seriam Maquiavel e o jornalista: heróis ou anti-heróis? A seguir alguns dos tipos, mais repetidos, acerca da profissão.

### **3.1.4 Os Velhos Tipos**

Frustrado, boêmio, intelectual, jornalista-escritor. Alguns subgêneros do jornalista, principalmente, dos tempos mais “românticos e idealistas” são analisados pelo jornalista Clóvis Rossi, que resume como era essa “rotina”.

Acabaram-se os tempos da boêmia. Houve um momento em que o jornalista era, freqüentemente, um escritor frustrado. Apanhava um fato qualquer, jogava sobre ele a sua real ou suposta veia literária, descrevia-o quase livremente e dirigia-se ao bar da esquina para a interminável conversa fiada a respeito da vida. Não havia horário de fechamento, não havia a concorrência do rádio e da TV, não havia sequer o já quase obsoleto telex. E o universo de assuntos era limitado: política, polícia, esporte e um pouco de cidade (ROSSI, 1986, p. 16).

Mas, segundo a matéria de Cláudia Maximino, para a Revista Imprensa, se as coisas hoje não são exatamente assim, nota-se alguns resquícios dessa era. De vexames a casos engraçados, ela revela algumas curiosidades na matéria, que ainda se mostra bastante atual, apesar da profissionalização e de alguns adeptos da geração saúde. Até porque, continuam as madrugadas, os intervalos no trabalho e o *happy-hour* (iniciado após o fim do expediente). O fato é que a bebida e o cigarro relaxam e, neste intervalo, segundo a repórter, não há nada que um jornalista goste de fazer mais do que falar: de tudo e de todos. Opinião confirmada pelo crítico de gastronomia, Josimar Mello, das revistas Exame Vip e Playboy.

Como a atividade de trabalho é muito estressante, eles acabam preferindo um destilado, que age mais rapidamente e funciona como um bálsamo relaxante (MELLO *apud* MAXIMINO, 1993, p. 35)

Apesar de mudanças no quadro geral da profissão muitos ainda acreditam no mito do trabalhador militante e “esquerdista” (RIBEIRO, 1994, p. 142). Em outras palavras, alguém com densa bagagem e coragem suficiente para provocar uma revolução através das palavras. Como paladinos da justiça e figuras do Olimpo, eles ocupam lugares de destaque na formação da opinião pública Quem nunca ouviu a máxima: “Jornalista não se acha deus. Ele tem certeza”?

### **3.2 A profissão: Jornalista**

Dos diversos rituais de passagem dentro da profissão, Clóvis Rossi, colunista e repórter especial da Folha de S.Paulo, afirma que a função do jornalista não é estática. Ele explica que durante a maior parte da história da imprensa brasileira, o que predominava era a opinião, período no qual o jornalismo não era visto como profissão. “Era bico ou atividade complementar. A profissionalização só surge a partir do final da 2ª Guerra e no momento em que os jornais passam da fase opinativa para a fase informativa” (ROSSI, 1986, p. 11).

Mas é sobre os percalços da profissão, que Rossi aponta o distanciamento entre sonho e realidade. Para ele, em seu livro Vale a pena ser jornalista?, desejos de fama, fortuna e poder – um deles ou todos eles – resumem alguns dos fetiches que alimentam a maioria dos sonhos na profissão (ROSSI, 1986, p. 52). O que, mais cedo ou mais tarde, resultam em frustração ou abandono da carreira. Veja o que ele diz:



Nem sempre após formar se consegue trabalho na área, se esta realmente preparado (seguindo padrões do veículo, por exemplo). De *freelancer* a subemprego, a não trabalhar com o que se gosta ou é agradável. É a via-crúcis para quem entra na guerra da informação (ROSSI, 1986, p. 16).

Este tópico não tem como finalidade descrever o dia-a-dia da profissão, até porque seria por demais extenso, e principalmente, impreciso. Ou redundaria, talvez, em outro rótulo. Portanto, optou-se novamente por retratar mais alguns olhares sobre o profissional. O certo é certo que, mesmo quem nunca pisou numa redação, sabe e confirma pelo menos um destes papéis.

### 3.3 As Representações Sociais

Mas, por quê indivíduos, grupos e sociedades inteiras criam essas representações? Segundo Moscovici, “o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, em familiar” (MOSCOVICI *apud* SPINK, 1993, p. 35). Como no exemplo:

E o que é jornalismo senão a reinvenção das “coisas do mundo” (...); senão as representações sociais materializadas de forma ordenadamente ordenadas na desordem dos fatos, dos acontecimentos, do real que ao longo dos séculos foi anunciado como verdade absoluta (CERQUEIRA; TAVARES, 2005, p. 108).

Para a pesquisadora Maria Alice Vanzolini, mencionar uma representação não significa necessariamente que ela seja usada. (VANZOLINI *apud* SPINK, 1993, p. 55). O que dificulta, portanto, um consenso entre os autores. No entanto, segundo a jornalista Graça Caldas, no artigo “Mídia e Memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano”, não há representações falsas, e sim, “verdades que precisamos descobrir” (CALDAS, 2005, p. 115).

Por tudo isso, identifica-se a real necessidade de discutir e mesmo questionar tais mitos, principalmente na caracterização do jornalista (tema-central deste trabalho). Até o momento em que se faça necessário abandonar certos padrões que como dogmas engessam a livre experimentação dentro da profissão. Comuniquem-se e, mais do que tudo, pensem por si mesmos (as): eis o refrão!

## Capítulo 4

### 4.1 A metodologia

Para os professores Jorge Duarte e Antonio Barros (2005), uma boa pesquisa começa, antes de tudo, na seleção das fontes. Visto ser preferível, no estudo qualitativo, poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo. Para os autores, o importante é que elas tenham “envolvimento com o assunto, disponibilidade e disposição para falar” (DUARTE e BARROS, 2005, p. 68). Ponto este dificultado principalmente pelo baixo quórum de estudantes interessados.

A amostragem exposta neste capítulo caracteriza-se como não-probabilística, intencional, para a qual delimitou-se 5 (cinco) profissionais e 9 (nove) estudantes de jornalismo. Compuseram este último grupo, principal foco da pesquisa, alunos de diferentes semestres, advindos de três faculdades de Brasília: UniCEUB, UnB e Católica que receberam um DVD do filme e o questionário por e-mail. A coleta, feita pessoalmente por mim, foi realizada entre 23 de abril e 1º de maio de 2007.

Os dados colhidos foram obtidos por meio de técnicas como entrevistas em profundidade e questionários semi-estruturados, analisados pela abordagem sociológica, a partir das categorias de: mito, estereótipo e representação social, presentes no filme ‘O Beijo no Asfalto’, de Bruno Barreto.

Embora os questionários tenham sido estruturados com questões iguais para todos os entrevistados, houve, dentre profissionais e estudantes, questionários mais personalizados, segundo a área de atuação, como foi o caso dos jornalismo cultural e policial. Deste último, dois dedicados aos estagiários do jornal *Na Polícia e Nas Ruas*, popular recorde de vendas no Distrito Federal e Entorno.

Quanto ao registro nominal das fontes, a grande maioria dos estudantes solicitou o anonimato. Acordado assim, para a seção final deste trabalho, foram expostos apenas nomes do grupo de profissionais. Infelizmente, devido as delimitações no espaço, não foi possível colocar todos os questionários.

Para melhor compreensão desta pesquisa, adotou-se a divisão da análise em dois tópicos, que verificam-se a seguir.

## 4.2 A Análise dos Resultados

### 4.2.1 A identificação dos mitos e estereótipos

Da Grécia para os tempos atuais, os mitos não acabaram. É possível que tenham adormecido, mudado de roupagem. Mas, que homem não desejaria ser um herói, ter superpoderes ou mesmo ser imortal? Para Everardo Rocha (1996), o mito só funciona socialmente. Com bocas para dizê-los e olhos para ouvi-los. Como visto anteriormente, mesmo quem nunca pisou numa redação sabem dizer o que é e o que faz um jornalista, segundo Alberto Dines. É o que se verifica nas respostas a seguir.

Mas, até que ponto esta reprodução da imagem do profissional no filme é uma representação da sociedade, com seus hábitos, costumes e comportamentos? Qual seria a visão dos próprios jornalistas?

Não é de hoje que a figura do jornalista aparece, no cinema, mitificada segundo os estereótipos de “vilão”, “mocinho”, “boêmio”, “ambicioso” e tantos outros. Em verdade, segundo a professora de psicologia, Éclea Bosi, no artigo “Entre a opinião e o estereótipo”, “o estereótipo chega a ser transmitido com tal força que mais parece um fator biológico” (BOSI, 1992, p. 113). A par disso, há de questionar a conveniência do veículo para os quais atuam. Afinal, não se faz comunicação sozinho.

Nesse contexto, as respostas obtidas as questões 1 e 2 relacionadas as características da personagem-jornalista no filme, constataram que a maioria dos entrevistados percebe a utilização de mitos e estereótipos que definem a profissão. Ainda que alguns tentem desviar do assunto, uma grande parte dos profissionais chega a ser enfática na definição de quem é ou não, jornalista. Como quem diz, quem pode ou não seguir a profissão.

Tal percepção pode ser verificada na fala da **Respondente 10**, pertencente ao grupo de profissionais, que afirma sobre o Ser Jornalista: “A pessoa tem que ser, no mínimo, curiosa, senão, deve mudar de profissão”. Sobre os mitos que pairam sobre o jornalista, o **Respondente 14**, ex-repórter policial, elucida:

Os jornalistas já foram vistos como românticos, idealistas e boêmios. Hoje, isso mudou. Por causa da TV, principalmente, a profissão ficou um pouco mais glamourizada. Nunca vi raça mais vaidosa, mais dona da verdade mais arrogante. E eu não digo isso só dos outros. Sempre fui assim também. A gente acha que pode tudo, que uma carteirinha da imprensa é passaporte para qualquer lugar, que a gente não pode ser preso, que a

gente não pode levar tiro, que as pessoas tem medo da gente. Besteira. O jornalista é igual a qualquer outra pessoa.

Dos vários tipos possíveis, o **Respondente 12**, do mesmo grupo, identifica-se com o modelo literário de Tom Wolfe que “dizia haver dois tipos de jornalistas: a) os altamente competitivos que querem dar furos e trabalham como perdigueiros e b) os metidos a escritor, que passam o tempo na profissão enquanto sonham, um dia, escrever um grande romance”.

Somados a estes, outras características foram confirmadas ao papel do jornalista no filme ‘O Beijo no Asfalto’. Foram elas: falta de ética, sensacionalismo, ganância, ambição e egoísmo. Praticamente, todas negativas, à exceção da determinação profissional, vista mesmo neste caso, como um valor positivo.

Para o **Respondente 11**, do grupo dos profissionais, todas as características apresentadas no filme são reais, “principalmente pelo uso excessivo do poder que todo jornalista julga ter. E, que quando foge ao controle, pode acarretar atos impensados, como foi no caso do factóide criado”.

Entretanto, há quem não aceite como verdadeira a representação da personagem-jornalista. É o que diz o **Respondente 8**, estagiário do jornal *Na Polícia e Nas Ruas*, para quem “apesar de caricato, o personagem de Amado não traz características reais. Ainda que vejamos no dia-a-dia, muitos casos de “erros jornalísticos””.

Coincidência ou não, o **Respondente 3** vê apenas uma simplificação do profissional no filme. “Amado é por si só um estereótipo do jornalismo que opta pelo sensacionalismo”.

Mas, para o **Respondente 6**, a profissão realmente é coisa séria. Das características levantadas sobre como deve ser o perfil ideal do profissional seguem, em ordem de preferência, pelos entrevistados: ética, imparcialidade, comprometimento com o leitor, objetividade, honestidade e curiosidade. “Ético, atento e vigilante. Ele deve agir como agente fiscalizador do Estado”, defende a **Respondente 5**.

Visão semelhante é observada pelo **Respondente 11**, para quem, o jornalista “utópico” deve ser “entre outras coisas, imparcial, ético, independente, apaixonado pelo que faz, destemido, equilibrado e atento às novas tecnologias”.

#### 4.2.2 A utilização dos estereótipos e a representação social

Questionados sobre quais características são mais ouvidas (e, posteriormente, reproduzidas sobre a profissão) a maioria dos estudantes do curso concordou em: curioso, fofoqueiro, boêmio, culto, antenado, urubu/carniceiro, ambicioso, sabe-tudo e outros (tais como: indiscreto, cara-de-pau, ousado e vendido).

Infelizmente, para esta questão, foi baixo o interesse dos profissionais. No quórum dos recém-formados está o **Respondente 11**, que assegura que os estereótipos da profissão dependem muito mais de quem os rotula. “Já ouvi: antiético, corruptível, ególatra. Entre os colegas: somos boêmios ou potenciais donos de bar e restaurante. Pra quem admira: formadores de opinião, curiosos ou verdadeiros bastiões da justiça”. Nessa mesma linha, o **Respondente 6** afirma que apesar dos estereótipos da profissão, cada profissional é único. “Não é certo generalizar. Cada um trabalha do seu jeito, no seu ritmo”.

A despeito da escolha profissional e de quais veículos a influenciaram, alunos e profissionais, disseram: outros (influência dos pais e professores, convite de colegas para trabalhar na área e interesse pelas novas mídias); rádio; TV e impresso (jornais e revistas). “Sempre gostei de escrever. Meu avô era jornalista, mas não sei se isso me influenciou. Gosto muito do jornalismo online e tenho um blog na internet”, dispara o **Respondente 6**, do grupo de alunos. Dando continuidade, o **Respondente 11**, do grupo de profissionais, revela: “Sempre tive uma queda pelo rádio. Seja ouvindo música, notícias ou numa transmissão esportiva”.

E, por onde andariam os Amados Ribeiros de hoje? A opinião foi unânime entre os estudantes, que disseram que apesar do exagero da ficção, a trama permanece atual. Alguns ousaram afirmar, que este tipo de jornalismo “marrom” teria, inclusive, aumentado, a partir de publicações especializadas (como Caras, Contigo), programas de TV, como o Big Brother, e com a democratização da internet (principalmente por meio dos blogs jornalísticos).

É o jornalismo do “lucro fácil”, irresponsável segundo avalia o **Respondente 12**, do grupo de profissionais:

Eles estão em todos os lugares. A cada esquina. Pense nos paparazzi, naqueles chatos que filmam qualquer coisa e jogam no YouTube. A invasão da vida o sensacionalismo, a distorção do que é notícia estão por aí, fazendo as carreiras e os contra-cheques dos amadores.

Para a **Respondente 4**, do grupo de alunos, a trama de ‘O Beijo no Asfalto’ permanece atual “ainda que a independência e o compromisso com a verdade sejam ditos como cânones da profissão”. Opinião comum tem a **Respondente 5**, do mesmo grupo, que já estagiou em diversos veículos. “Claro que isso (o filme) existe, mas não creio que seja tão exagerado assim. Sei que há muitos jornalistas que atuam com técnicas semelhantes, mas acredito que ainda possuam um pouco de discrição para ganhar a confiança. Lobo em pele de cordeiro, entende?”. Sutilidade esta também percebida pela **Respondente 9**, do mesmo grupo: “Os Amados de hoje estariam um pouco mais acuados com as penalidades judiciais”.

A partir deste jornalismo “marrom”, sensacionalista, alguns entrevistados evitaram se deter exclusivamente ao jornalismo policial. Citando editoriais como: política e esporte, sob as quais os mesmos erros se repetem. “Os Amados Ribeiros estão no jornalismo político, policial e nas revistas de fofocas. Mas acho que essa promiscuidade entre fonte e jornalista é muito maior no político”, observa o **Respondente 8**, do grupo de alunos.

Outro exemplo é citado pelo **Respondente 13**, do grupo de profissionais, para quem, “a face mais cruel deste jornalismo irresponsável está aí, na exploração da boa fé pública, de igrejas com apoio de emissoras como a TV Record”.

Acrescenta-se a estes, segundo dois entrevistados, o jornalismo esportivo também repleto de vícios do mau jornalismo. O **Respondente 11** traz um exemplo recente:

Dois jornalistas do Lancenet (um deles estagiário) criaram uma nota com o único intuito de abafar outra notícia. Explico: os jornalistas são flamenguistas e, para dar corda a uma discussão em torno da matéria sobre o artilheiro francês Thierry Henry cantar o hino do Vasco, os repórteres inventaram um texto onde diziam que o jogador é “vice”, assim como o time que, supostamente ele torce (o Vasco). Sem fontes, sem objetivo, apenas para abafar outra nota, publicada pelo mesmo diário e diversos sites esportivos.

Diante disso, a **Respondente 4** alerta para o perigo crescente e imediato das novas mídias: “a internet está aí aberta também para isso. O sensacionalismo ainda atrai o grande público, vende jornais e aumenta o ibope”.

Por fim, dos filmes mais vistos sobre jornalismo, conforme disposto propositalmente no questionário, encabeçaram a lista os norte-americanos. Por ordem: ‘Cidadão Kane’, ‘Capote’, ‘O Informante’ seguidos por ‘Cidade de Deus’, ‘Terra em Transe’ e ‘O Bandido da Luz Vermelha’. Só dois entrevistados, um

estudante e um profissional, atentaram-se mais aos filmes nacionais. Desta listagem, os estudantes novamente foram os mais entusiasmados. Os últimos semestres, aliás, demonstraram-se mais atentos à relação dos filmes sobre personagens-jornalistas.

A seguir, na seção Apêndices, a transcrição de algumas das entrevistas/questionários aplicados.

## Conclusão

“Não sou extrovertida”, “Não escrevo bem” são algumas das frases já ditas por mim ou por colegas que entraram recentemente no mercado de trabalho. A verdade é que nunca me encaixei num modelo ideal da profissão, em ser isto ou aquilo. E exatamente por esta inquietação, que decidi verificar por meio deste trabalho, o quanto muitos destes mitos (extraídos aqui inicialmente do filme de Barreto) ainda permanecem presentes, ocultos ou simplesmente ultrapassados. Foi ainda mais grave constatar a hegemonia destes padrões, que pouco ou nada são contestados (diria mesmo renovados) por colegas da área (dentro e fora dos bancos universitários).

Desde o princípio, o trabalho foi dificultado pela bibliografia consultada. Do jornalismo policial aos mitos. Praticamente não havia um material especializado e condizente ao que eu queria. Outra dificuldade encontrada foi a pesquisa de campo com os alunos, prejudicada pelo baixo interesse destes em corroborar. O que me compeliu a mudar de estratégia: da exibição pública do filme (grupo focal) a questionários e cópias em DVD, entregues individualmente, em três faculdades de Brasília.

Ao final desta análise podemos perceber que o filme abordado vai além do mero entretenimento. Ao dar brecha, sob um olhar mais atento, a velhos tipos e fórmulas da personagem jornalista. De Nelson Rodrigues, em particular e, sobretudo, aprendi a rever o jornalismo, já tão desgastado ao final do curso. Renovando o meu mito adormecido, quase falido, e apaixonando-me outra vez pelo jornalismo, apesar do aparente pessimismo evidenciado em ‘O Beijo no Asfalto’. No filme, características como falta de escrúpulos, cinismo, ambição e individualismo são facilmente percebidas na personagem incorporada à telona.

A análise aqui contida não é exaustiva, nem completa. Pelo contrário, mostra-se aberta e passível a interpretações. A espera de uma análise que vá além da imagem reducionista e generalizada do jornalista. Por tudo isto, torna-se evidente a contribuição do cinema à sociedade, de forma a influenciar a maneira como esta interpretará e julgará estes profissionais. Que antes de tudo, detêm o cargo de seres humanos.



## Referências

- ALVES, C. C. C.** *Nelson Rodrigues e a reportagem policial: realidade x ficção*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2001. (Cadernos de Comunicação: Série Estudos, v. 2).
- BARROS, V. S.** *Introdução a Maquiavel: uma teoria do Estado ou teoria do poder?* Campinas: Edicamp, 2004.
- BERGER, C.** *Jornalismo no cinema*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- BOBBIO, N.** et al. *Dicionário de Política*. Brasília: Ed. UnB, 1991, p. 738.
- BOECHAT, W.** (org). *Mitos e Arquétipos do homem contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- BOSI, E.** Entre a opinião e o estereótipo. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, n. 32. São Paulo: IBAC, 1992, p. 113-115.
- CAFEZEIRO, E.; GADELHA, C.** *História do Teatro Brasileiro: Um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- CALDAS, G.** Mídia e memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. *Revista Estudos de Jornalismo e Relações Públicas*. São Paulo: Umesp, 2005, v. 3, n. 5, p. 55-63.
- CAPUZZO, H.** *Cinema: A aventura do sonho*. São Paulo: Nacional, 1986.
- CARVALHO, E. M. M.** *O pensamento vivo de Maquiavel*. São Paulo: Martin Claret, 1986.
- CASTILHO, M. C.** *Ficção, Comunicação e Mídias*. São Paulo: Senac, 2003.
- CASTRO, R.** *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CERQUEIRA, L.; TAVARES, I.** Jornalismo Impresso: memória, história e a reinvenção do real sob a ordem do discurso. *Revista de Letras, Ceará*, v. 1-2, n. 27, 2005, p. 108-112.
- CLAUDE, R.** et al. *Panorâmica sobre a Sétima Arte*. São Paulo: Loyola, 1982.
- DÁVILA, L. P.** *A imagem da notícia: o jornalismo no cinema*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos de Comunicação: Série Estudos, v. 9).
- DINES, A.** *Mídia X Ficção*. Rio de Janeiro: TV Nacional, 1999. Observatório da Imprensa, Programa exibido pela TV Nacional em 27 jul. 1999. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/>>. Acesso em: 10 fev. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Jornalismo como personagem*. Rio de Janeiro: TV Nacional, 2004. Observatório da Imprensa, Programa exibido pela TV Nacional em 21 dez. 2004. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/>>. Acesso em: 10 fev. 2005.
- DINIZ, M. L. V. P.** *Estereótipo na mídia: doxa ou ruptura*. Disponível em: <<http://webmail.faac.unesp.br/~mldiniz/publicacoes/artigo016.html>>. Acesso em: 10 abr. 2007.
- DOM** Quixote. *Ciência hoje das crianças*. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/942>> Acesso em: 10 abr. 2007.
- DUARTE, J.; BARROS, A.** (org). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- ENNE, A. L. S.; DINIZ, B. P.** *Reportagem Policial na imprensa carioca dos anos 80: o caso Mão Branca e a mitificação da violência na periferia*. 2003. Disponível em: <[http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/jornal/analuciaenne\\_betinapeppediniz.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/jornal/analuciaenne_betinapeppediniz.doc)>. Acesso em: 10 mar. 2007.

- FILHO, J. F. et al.** Rio de Janeiro: Estereótipos e Representações Midiáticas. *Revista E-Compós*, Rio de Janeiro, 2004, p. 11. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em: 10 fev. 2005.
- FRAGA, E.** As Vinhas da Ira de Nelson Rodrigues. *Revista Cult*, n. 41, São Paulo, dez. 2000, p. 14.
- GUEDES, A.** O cafajeste dionisíaco. *Revista Cult*, São Paulo, n. 41, dez. 2000, p. 12.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.** *Mini-Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 183.
- JORNALISMO** em Cartaz. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/jornalismoemcartaz/o%20beijo%20no%20asfalto.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2007
- KATZ, C. et al.** *Dicionário Básico de Comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 233-234.
- LABAKI, A.** *O cinema dos anos 80*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MAGALDI, S.** *Teatro Completo de Nelson Rodrigues: Tragédias Cariocas II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- MAXIMINO, C.** Fim de expediente, para um jornalista, é sinônimo de bar e copo na mão. *Revista Imprensa*, São Paulo, v. 6, n. 70, jul. 1993, p. 34-36.
- MERTEN, L. C.** *Cinema: Entre a realidade e o artifício*. Porto Alegre: Arte e Ofícios, 2003.
- MIRANDA, L. F.** *Dicionário de Cineastas Brasileiros*. São Paulo: Art Editora, 1990, p. 41-43, 331-332.
- NASCIMENTO, H.** *Cinema Brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- NOGUEIRA, L.** *Cinema e Jornalismo: o jornalista no cinema brasileiro*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- OLIVEIRA, C. A.** A arte de aproximar e distanciar a realidade: representações e imaginário. *Revista Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 1, n. 1, 1991, p. 1495-1502.
- PINTO, E. R.** Uma interpretação de Nelson Rodrigues. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, jul. 1995, p. 36-46.
- PIRES, L.** *Quem vê cara, não vê profissão*. Disponível em: <[http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia\\_clipping\\_cdjee.html](http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_cdjee.html)>. Acesso em: 29 abr. 2007.
- PORTAL Heco.** Disponível em: <[http://www.heco.com.br/nelson/obra%20comentada/05\\_01\\_02.php](http://www.heco.com.br/nelson/obra%20comentada/05_01_02.php)> Acesso em: 10 mar. 2007.
- RAMOS, F.; MIRANDA, L. F. M.** *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 43-46.
- REVISTA AGULHA.** Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag26rodrigues.htm>>. Acesso em: 5 maio 2007.
- RIBEIRO, J. C.** *Sempre Alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIDOLFI, R.** *Biografia de Nicolau Maquiavel*. São Paulo: Musa, 2003.
- ROCHA, E.** *O que é mito?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- ROSSI, C.** *Vale a pena ser jornalista?* São Paulo: Moderna, 1986.
- RUIZ, C. B.** *Os paradoxos do imaginário*. Porto Alegre: Ed. UNISINOS, 2003.
- SPINK, M. J. (Org.).** *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 32-55.
- TRAVANCAS, I.** Os jovens jornalistas. In: *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

- \_\_\_\_\_. *O jornalista como personagem de cinema*. 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02/NP2TRAVANCAS.pdf>> Acesso em: 1 nov. 2005.
- TUDO** sobre Nelson Rodrigues. Disponível em: <[http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson\\_rodrigues/jornalismo4.htm](http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/jornalismo4.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2007.
- VIANY**, A. *Introdução ao Cinema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.
- VIEIRA**, G. *Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?* São Paulo: Summus, 1991.
- XAVIER**, I. Anatomia da Decadência. *Revista Cult*, n. 41, São Paulo, dez. 2000, p. 17-19.
- \_\_\_\_\_. *O cinema brasileiro moderno*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In.: **PELLEGRINI**, T. et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Senac, 2003, p. 75-87.
- ZANFRA**, M. *Manual do Repórter de Polícia*. Disponível em: <<http://www.comunique-se.com.br/reporterdepolicia/apresentacao.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2007.

# ANEXOS



## Ficha Técnica

*Título Original:* O Beijo no Asfalto

*Gênero:* Drama

*Tempo de Duração:* 77 minutos

*Ano de Lançamento (Brasil):* 1980

*Estúdio:* Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas Ltda. / Filmes do Equador

*Distribuição:* Embrafilme

*Direção:* [Bruno Barreto](#)

*Roteiro:* Doc Comparato, baseado em peça teatral de Néelson Rodrigues

*Produção:* Luiz Carlos Barreto

*Música:* Guto Graça Mello

*Fotografia:* Murilo Salles

*Direção de Arte:* Paulo Chada

*Figurino:* Paulo Chada

*Edição:* Raimundo Higino

## Elenco

Tarcísio Meira (Aprígio)

Lídia Brondi (Dália)

Daniel Filho (Amado Pinheiro)

Ney Latorraca (Arandir)

Oswaldo Loureiro (Cunha)

Christiane Torloni (Selminha)  
Márcia Barreto  
Nélson Caruso  
Renato Coutinho  
Flávio São Thiago

## **Sinopse**

Um desconhecido é morto ao ser atropelado por um ônibus e, agonizante, pede a um bancário que lhe dê um beijo na boca. Este gesto é transformado em escândalo pela imprensa sensacionalista e o homem que cometeu o "crime" de beijar um agonizante passa a ser alvo de preconceito popular e também a ser investigado pela polícia, que começa a supor que o acidente tenha sido um assassinato.

< [www.adorocinema.com.br](http://www.adorocinema.com.br) >

# APÊNDICE A – Roteiro do questionário/entrevista

## Questionário Estudantes

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) F ( ) M

Curso/Sem.: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

1. Que características você identifica na personagem-jornalista?
2. Quais destes lhe parecem reais?
3. Para você, a trama tem um caráter atual? Por quê?
4. Há uma fórmula para vender notícias? Como você acha que seria a produção da notícia nos veículos de hoje (TV, rádio, internet, revistas)? Exemplifique, ao menos, um destes.
5. Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Fale um pouco.
6. Na sua opinião, mesmo com as novas mídias, este tipo de jornalismo (marrom) acabou? Onde estariam os Amados Ribeiros de hoje?
7. Qual é ou deve ser o perfil do jornalista para você?
8. Que características você já ouviu sobre a profissão (“curioso”, “fofoqueiro”, “bandido”, “ambicioso”, “herói”, “antenido”, “super-homem”, “boêmio”)? Cite outros.
9. Como se deu a sua escolha pela profissão? Algum veículo, em particular, o influenciou?
10. Numere abaixo, por ordem de preferência, os filmes de jornalismo que já viu ou ouviu falar.
  - ( ) Capote
  - ( ) Cidadão Kane
  - ( ) A Montanha dos Sete Abutres
  - ( ) O Informante
  - ( ) Mera Coincidência
  - ( ) Todos os Homens do Presidente
  - ( ) Vlado, 30 anos depois
  - ( ) Cidade de Deus

- ( ) Lúcio Flávio – O passageiro da agonia  
( ) O Bandido da Luz Vermelha  
( ) Terra em Transe  
( ) Doces Poderes ( ) Outros: \_\_\_\_\_

11. Para você, qual seria a mensagem do filme ‘O Beijo no Asfalto’? Ele pode ser considerado bom ou ruim por isso?

### **Questionário estagiários do jornal Na polícia e nas ruas**

Nome: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) F ( ) M  
Curso/Sem.: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_  
E-mail: \_\_\_\_\_

1. Que características você identifica na personagem-jornalista? Quais lhe parecem reais?
2. Para você, a trama tem um caráter atual? Por quê? Onde estariam os Amados Ribeiros de hoje?
3. Há uma fórmula para vender jornal? Como você acha que seria a produção da notícia nos veículos de hoje (TV, rádio, internet, revistas)? Exemplifique, ao menos, um destes.
4. Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Fale um pouco.
5. O jornalismo “marrom” está quase sempre associado ao jornalismo policial, concorda? Não seria porque nele é mais fácil esta promiscuidade com as fontes, o poder?
6. Aliás, por que ao contrário do jornalismo investigativo, o policial é tão mal visto?
7. Na sua opinião: o leitor ainda se alimenta, se interessa pela vida alheia? É fofoqueiro?
8. Qual é ou deve ser o perfil do jornalista para você? (Ideal)
9. Que características você já ouviu sobre a profissão (“curioso”, “fofoqueiro”, “mentiroso”, “bandido”, “ambicioso”, “herói”, “antenado”, “super-homem”, “boêmio”)? Cite outros ou mesmo algum no qual se encaixe.

**10. Como se deu a sua escolha pela profissão? Algum veículo, em particular, o influenciou? E, daqui para frente: pretende seguir no jornalismo policial?**

**11. Numere abaixo, por ordem de preferência, os filmes de jornalismo que já viu ou ouviu falar.**

( ) Capote

( ) Cidadão Kane

( ) A Montanha dos Sete Abutres

( ) O Informante

( ) Mera Coincidência

( ) Todos os Homens do Presidente

( ) Vlado, 30 anos depois

( ) Cidade de Deus

( ) Lúcio Flávio – O passageiro da agonia

( ) O Bandido da Luz Vermelha

( ) Terra em Transe

( ) Doces Poderes

( ) Outros: \_\_\_\_\_

**12. Para você, qual seria a mensagem do filme ‘O Beijo no Asfalto’? Ele pode ser considerado bom ou ruim por isso?**

### Questionário Jornalismo Policial

**Nome:**

**Idade:**

**Profissão:**

**1 - Por quê um manual de jornalismo policial? Qual a repercussão do seu manual no site do Comunique-se? No geral, são mais focas ou veteranos que lhe procuram?**

**2 - Como está o jornalismo policial hoje? Mudou muita coisa de lá pra cá? Quando se deu o auge? E a derrocada?**

**3 - Por quanto tempo você foi repórter policial? Do que sente mais saudades?**

**4 - Por quê ao contrário do jornalismo investigativo, o policial é tão mal visto?**

**5 - O prefeito da cidade do Rio, César Maia, disse certa vez que o jornalismo investigativo é o nome que se dá ao jornalismo policial. Você concorda? Mas, o policial acabou?**

**6 - Como ambos recorriam (recorrem, no caso do investigativo) à literatura, ao jornalismo dito literário, pode-se concluir que o policial seria a banda podre, desagradável deste gênero jornalístico?**



**7 - O lide, a objetividade, ao seu ver, castraram o texto jornalístico? Como seria ou é o repórter policial de hoje?**

**8 - Quem são ou foram seus ídolos?**

**9 - O jornalismo “marrom” está quase sempre associado ao jornalismo policial, concorda? Não seria porque nele é mais fácil esta promiscuidade fonte/poder?**

**10 - O leitor ainda se alimenta, se interessa pela vida alheia, é fofoqueiro?**

**11 - Acredita que ainda há espaço hoje para o jornal "espreme, sai sangue" ou a TV teria incorporado este papel?**

**12 - Sobre a profissão em si ou o jornalismo policial, que clichês (características) já ouviu? "Boêmio", "Herói", "Bandido", "Mentiroso", etc.**

**13 - Há uma fórmula para vender notícias? Ou só o sensacionalismo já basta?**

**14 - Para um repórter iniciante onde você julga ser mais importante começar na redação? Aliás, em tempos de internet, como vê o novo jornalista?**

**15 - No filme 'O Beijo no Asfalto', Nelson Rodrigues critica o poder absoluto da mídia, essa promiscuidade e o quanto ela influencia a opinião pública podendo invadir e mesmo destruir a vida de outrem. Isso ainda é factível nos dias de hoje? O que diria aos iniciantes na reportagem?**

**16 - Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Que outros jornais do tipo havia no RJ dos anos 60/80? (Esta última: mencione se souber)**

**17 - Falando de filmes (vemos alguns na faculdade) numere abaixo, por ordem de preferência, quais viu ou já ouvi falar:**

( ) Capote

( ) Cidadão Kane

( ) A Montanha dos Sete Abutres

( ) O Informante

( ) Mera Coincidência

( ) Todos os Homens do Presidente

( ) Vlado, 30 anos depois

( ) Cidade de Deus

( ) Lúcio Flávio – O passageiro da agonia

( ) O Bandido da Luz Vermelha

( ) Terra em Transe

( ) Doces Poderes

( ) Outros: \_\_\_\_\_

**18 - Por fim, como se deu a sua escolha pelo jornalismo? Algum veículo em particular o influenciou?**

## **Questionário Jornalismo Cultural**

**Nome:**

**Idade:**

**Profissão:**

- 1. Você já viu alguma peça ou outro filme de Nelson? Comente.**
- 2. Que características você identifica na personagem-jornalista? Quais destes lhe parecem reais?**
- 3. Para você, a trama de Nelson tem um caráter atual? Por quê? Onde estariam os Amados Ribeiros de hoje?**
- 4. Há uma fórmula para vender notícias? Como você acha que seria a produção da notícia do beijo no asfalto nos veículos de hoje? Exemplifique em pelo menos um.**
- 5. Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Fale um pouco.**
- 6. O lide, a objetividade, ao seu ver, castraram o texto jornalístico? Como deveria ser ou é o repórter policial de hoje, por ex? Vale citar outros tipos também.**
- 7. Seguindo esta corrente literária, ou seja, embebida no jornalismo literário, pode-se concluir que o jornalismo policial seria a banda podre, desagradável deste gênero jornalístico?**
- 8. O jornalismo “marrom” está quase sempre associado ao jornalismo policial (político também, por quê não?), concorda? Não seria porque nestas editorias é mais fácil o caminho sem volta com a fonte e as relações de poder?**
- 9. Para um repórter iniciante onde você julga ser mais eficaz o aprendizado dentro de uma redação? Aliás, como vê o novo jornalista em tempos de internet e novas mídias?**
- 10. Na sua opinião, há espaço hoje para o jornal “espreme, sai sangue” ou a TV teria incorporado este papel? O que dizer de Ratinho x o sucesso impresso do jornal ‘Na polícia e nas ruas’, aqui de Brasília, por ex.? Resumindo: o leitor continua se alimentando da vida alheia, é fofoqueiro? Seriam como paparazzis instintivos?**
- 11. Qual é ou deve ser o perfil do jornalista para você? Do ideal à prática do dia-a-dia.**
- 12. Que características você já ouviu sobre a profissão (“curioso”, “workaholic”, “anti-social”, “fofoqueiro”, “bandido”, “ambicioso”, “herói”, “antenado”, “super-homem”, “boêmio”)? Cite outros, que se constituem em**

**verdadeiros estereótipos da profissão, e fale até que ponto se encaixa em um ou outro.**

**13. Como se deu a sua escolha pela profissão? Algum veículo, em particular, o influenciou?**

**14. Numere abaixo, por ordem de preferência, os filmes de jornalismo que já viu ou ouviu falar.**

- Capote
- Cidadão Kane
- A Montanha dos Sete Abutres
- O Informante
- Mera Coincidência
- Todos os Homens do Presidente
- Vlado, 30 anos depois
- Cidade de Deus
- Lúcio Flávio – O passageiro da agonia
- O Bandido da Luz Vermelha
- Terra em Transe
- Doces Poderes
- Outros: \_\_\_\_\_

**15. Para você, qual seria a mensagem do filme ‘O Beijo no Asfalto’? Ele pode ser considerado bom ou ruim por isso?**

**16. Como acontece nos EUA você acredita que cinema e jornalismo dariam um bom filão ou a TV já teria pego este papel por meio das novelas e minisséries? Sendo jornalista, como avaliaria a representação do profissional no telão?**

**17. Nelson critica no filme o poder abusivo da mídia, essa promiscuidade e o quanto ela influencia a opinião pública podendo invadir e mesmo destruir a vida de outrem. Que crítica você faria ao jornalismo de sempre e de hoje? Aliás, faltaria um Nelson nos dias atuais? Resumindo: valeu a pena? Vale a pena o jornalismo para você?**

## APÊNDICE B – Conteúdo das entrevistas

<p><b>Nome:</b> Respondente 4 <b>Idade:</b> 19 anos <b>Curso/Sem.:</b> 4º semestre</p>
--

**1. Que características você identifica na personagem-jornalista?**

Descompromisso com os preceitos jornalísticos, ambição, estrelismo, falta de ética.

**2. Quais destes lhe parecem reais?**

Todos.

**3. Para você, a trama tem um caráter atual? Por quê?**

O caráter atual da trama deve-se ao fato de que este tipo de jornalismo é comumente praticado, ainda que a independência e o compromisso com a verdade sejam ditos cânones da profissão.

**4. Há uma fórmula para vender notícias? Como você acha que seria a produção da notícia nos veículos de hoje (TV, rádio, internet, revistas)? Exemplifique, ao menos, um destes.**

Há uma fórmula. Não creio que ela seja adotada da mesma forma por todos os veículos, embora indubitavelmente delineie as pautas que serão discutidas pela sociedade. A internet prima pelo imediatismo, o descarte e a substituição são frequentes. A tv pelo alcance da notícia, sua relevância em termos culturais, sua capacidade de gerar perplexidade/medo/curiosidade.

**5. Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Fale um pouco.**

Sim. Acredito que o propósito de Nelson Rodrigues ao escrever a peça foi, além de expor a aceitação gratuita e sectária do que é veiculado pelos jornais, questionar a postura da sociedade na transfiguração de seus preconceitos em tragédias pessoais.

**6. Na sua opinião, mesmo com as novas mídias, este tipo de jornalismo (marrom) acabou? Onde estariam os Amados Ribeiros de hoje?**

Esse tipo de jornalismo não acabou. Talvez ele esteja ainda mais presente que outrora. A internet traz consigo não apenas a promessa de democratização da informação, já que o bombardeamento de notícias, muitas das quais devaneios absolutos é muito mais fácil e acessível. O sensacionalismo ainda atrai o grande público, vende jornais e aumenta o ibope dos programas de tv.

**7. Qual é ou deve ser o perfil do jornalista para você?**

O jornalista deve ter um comprometimento com quem consome seu produto – seu leitor, ouvinte, espectador. Não acredito no compromisso social como um denunciamento descontrolado e maniqueísta. É preciso que se efetue uma apuração independente e rigorosa.

**8. Que características você já ouviu sobre a profissão (“curioso”, “fofoqueiro”, “bandido”, “ambicioso”, “herói”, “antenado”, “super-homem”, “boêmio”)? Cite outros.**

Curioso, fofoqueiro, ambicioso, herói, utópico, boêmio, vendido.

**9. Como se deu a sua escolha pela profissão? Algum veículo, em particular, o influenciou?**

Gosto pela leitura e escrita. Não associo minha escolha à influência de um veículo em particular, mas ao modo como todos eles operam, sua capacidade de promover mobilização e esquecimento, comoção e condenação.

**10. Numere abaixo, por ordem de preferência, os filmes de jornalismo que já viu ou ouviu falar.**

( 3) Capote

( 4) Cidadão Kane

( ) A Montanha dos Sete Abutres

( 1) O Informante

( 7) Mera Coincidência

( 6) Todos os Homens do Presidente

( ) Vlado, 30 anos depois

( 2) Cidade de Deus

( ) Lúcio Flávio – O passageiro da agonia

( ) O Bandido da Luz Vermelha

( 5) Terra em Transe

( ) Doces Poderes

( ) Outros: \_\_\_\_\_

**11. Para você, qual seria a mensagem do filme ‘O Beijo no Asfalto’? Ele pode ser considerado bom ou ruim por isso?**

O filme faz uma análise acerca da forma pela qual um fato é transformado em notícia, não obstante sua procedência, relevância ou veracidade seja relegada a um segundo plano em favor do sensacionalismo. “Beijo no Asfalto” não é somente bom em termos cinematográficos, sua mensagem é atual e propõe uma reflexão pertinente quanto à postura da mídia como reguladora social.

**Nome:** Respondente 8

**Idade:** 21 anos

**Curso/Sem.:** 8º semestre – estagiário do jornal *Na Polícia e Nas Ruas*

**1. Que características você identifica na personagem-jornalista? Quais lhe parecem reais?**

O personagem-jornalista é exagerado, caricato. Pra mim ele não traz características reais. Apesar de vermos muitos casos de “erros jornalísticos” terem causado tantos problemas como os que foram causados no filme.

**2. Para você, a trama tem um caráter atual? Por quê? Onde estariam os Amados Ribeiros de hoje?**

Sim, no que diz respeito ao jornalismo sensacionalista vê-se muita coisa. O caso da escola base, tão citado dentro das universidades pode ser uma boa comparação

com o que acontece no filme. Mas é difícil fazer comparações com a época, onde o beijo homossexual era algo escandaloso e considerado como crime. O que hoje já tem um outro tratamento social. Os Amados Ribeiros estão em todos os lugares: no jornalismo político, no jornalismo policial e nas revistas de fofoca.

**3. Há uma fórmula para vender jornal? Como você acha que seria a produção da notícia nos veículos de hoje (TV, rádio, internet, revistas)? Exemplifique, ao menos, um destes.**

A forma de se vender jornal é buscando uma notícia que cause comoção no leitor e na sociedade. Seja quem for esse leitor, seja de qual classe social ele pertença. É preciso algo que interesse a todos, ou a maioria e que seja fora do comum. Como no caso do garoto João Hélio, que abordava a violência nas cidades brasileiras e trazia a bárbara morte de uma criança.

**4. Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Fale um pouco.**

Meu contato com a obra de Nelson é muito pequeno. Li alguns textos, vi alguma coisa na tv, mas não posso afirmar que conheça a fundo o escritor. Quanto ao jornal não conheço, pelo menos não me lembro de nada a respeito.

**5. O jornalismo “marrom” está quase sempre associado ao jornalismo policial, concorda? Não seria porque nele é mais fácil esta promiscuidade com as fontes, o poder?**

Não, acho que o jornalismo marrom está impregnado em todo o jornalismo. Nas páginas de fofoca e também no jornalismo político onde existem relações muito mais promíscuas com as fontes, em alguns casos. Acho que essa relação de promiscuidade e de poder é muito maior no jornalismo político.

**6. Aliás, por que ao contrário do jornalismo investigativo, o policial é tão mal visto?**

(Não entendeu)

**7. Na sua opinião: o leitor ainda se alimenta, se interessa pela vida alheia? É fofoqueiro?**

Com certeza. A vida alheia norteia o leitor. Até porque o jornalismo precisa de personagens para “ilustrar” suas narrativas. Precisa do elemento humano que traga a identificação com o leitor e o faça se interessar pela notícia.

Acho que o ser humano é fofoqueiro por natureza. Ele sempre busca informação pela vida do outro.

**8. Qual é ou deve ser o perfil do jornalista para você? (Ideal)**

Alguém que narre os fatos ouvindo todos os lados existentes. Alguém que consiga se manter mais distante o possível da notícia.

**9. Que características você já ouviu sobre a profissão (“curioso”, “fofoqueiro”, “mentiroso”, “bandido”, “ambicioso”, “herói”, “antenido”, “super-homem”, “boêmio”)? Cite outros ou mesmo algum no qual se encaixe.**

Curioso, sabe-tudo, urubu, antenido e fofoqueiro.

**10. Como se deu a sua escolha pela profissão? Algum veículo, em particular, o influenciou? E, daqui para frente: pretende seguir no jornalismo policial?**

A escolha foi na verdade pela comunicação social. Sempre achei que seria esse meu caminho profissional, mas depois que comecei a estudar jornalismo tive certeza. Quanto ao veículo, tenho um amigo resolveu montar um jornal policial com o pai e convidou a mim e mais um outro amigo em comum para ajudar a montar o jornal. Topamos e montamos o jornal. Mas não pretendo seguir na área policial, até porque quero conhecer outras áreas do jornalismo antes de definir em qual quero seguir.

**11. Numere abaixo, por ordem de preferência, os filmes de jornalismo que já viu ou ouviu falar.**

- ( 6) Capote
  - ( 7) Cidadão Kane
  - ( 8) A Montanha dos Sete Abutres
  - ( 4) O Informante
  - ( 2) Mera Coincidência
  - ( 8) Todos os Homens do Presidente
  - (11) Vlado, 30 anos depois
  - ( 1) Cidade de Deus
  - (10) Lúcio Flávio – O passageiro da agonia
  - ( 5) O Bandido da Luz Vermelha
  - ( 3) Terra em Transe
  - (9) Doces Poderes
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

**12. Para você, qual seria a mensagem do filme ‘O Beijo no Asfalto’? Ele pode ser considerado bom ou ruim por isso?**

Que não cabe ao jornalismo fazer julgamentos. Que antes da venda do jornal existe a vida de pessoas que ilustram as notícias. Que o erro jornalístico pode levar a problemas de uma proporção que não se pode mensurar. Por isso sempre se deve ter cuidado naquilo que se noticia. Ruim por mostrar um lado negro do jornalismo e bom por servir de alerta ao que pode acontecer quando se comete um erro.

**Nome:** Respondente 14 (Marco Zanfra)

**Idade:** 51 anos

**Profissão:** ex-repórter policial e autor do Manual do Repórter de Polícia

**1 - Por quê um manual de jornalismo policial? Qual a repercussão do seu manual no site do Comunique-se? No geral, são mais focas ou veteranos que lhe procuram?**

A resposta parece meio óbvia, mas é bem por aí mesmo: o Manual do Repórter de Polícia foi criado porque não existia. Ou melhor: não havia uma referência bibliográfica para quem, de repente, era obrigado a cobrir a área. Os repórteres que cobrem apenas polícia acabam aprendendo com a vivência, acabam tendo uma curiosidade maior para aprender... mas, e os “noviços”? Polícia não é fácil, e deve ser abordada com a mesma correção de informações que uma matéria de economia, por exemplo. Por que dar informações erradas? Por que confundir furto com roubo?

Por que dizer que houve um assalto quando houve um arrombamento em um lugar vazio, e isso é furto? Quer queira ou não, a imprensa é uma grande fonte de informação – às vezes a única para muita gente – e, por isso, é necessário muito cuidado para que a fonte informe corretamente. O Manual foi criado para contribuir com essa correção da fonte.

Quando lancei o Manual na internet, num site independente (e gratuito), houve mil visitas em menos de um mês – o que mostra, mais do que a necessidade de consulta, a curiosidade por algo novo. Desde janeiro de 2004, o Manual está no Comunique-se. A repercussão foi das melhores, mas eu não tenho como avaliar o número de visitas. Quanto a contatos diretos, como esse que você está fazendo, praticamente só recebi de estudantes, querendo entrevistar-me para algum TCC. Não me lembro de nenhum veterano, principalmente versado em polícia, que me procurasse.

## **2 - Como está o jornalismo policial hoje? Mudou muita coisa de lá pra cá? Quando se deu o auge? E a derrocada?**

Os erros ainda não foram abolidos, mas os “noviços” não têm mais desculpa: agora, existe uma local para sanar dúvidas. O problema que eu sinto, e eu posso estar enganado, é que sobrevive uma certa preguiça nessas gerações mais novas – e mais novas são aquelas com menos de dez anos de carreira. Então, se a informação está incorreta é por preguiça de consultar os canais que existem.

Você ainda encontra repórteres de polícia em todos os jornais, mas os grandes resolveram não identificá-los assim. Na “Folha de S. Paulo”, por exemplo, não existe um repórter de polícia, mas têm aqueles com mais facilidade de tratar o assunto, e é para eles que as pautas policiais são distribuídas. O jornalismo policial não tem como desaparecer, porque a violência não vai desaparecer – ao contrário, tende a ficar maior. De quando eu comecei a trabalhar para cá, mudou um pouco o enfoque, desapareceu o jargão, mitigou-se o sensacionalismo, mas o jornalismo policial continua aí, às vezes com página inteira mesmo nos ditos “grande jornais”.

Não posso definir com certeza o auge do jornalismo policial porque aconteceu antes de eu ingressar na profissão. Acredito que tenha sido pelo final dos anos 1960 e meados dos anos 1970. Quando eu entrei na “Folha”, em 1977, o jornalismo policial ainda tinha seu destaque, mas não estava mais numa posição que poderia ser considerada como auge. No início dos anos 1980, quando a “Folha” começou a sua grande reformulação, começou também a derrocada da cobertura policial. Não que ela tenha morrido – porque as páginas policiais nunca morrem – mas a abordagem passou a ser feita com menos ênfase e o assunto começou a provocar narizes torcidos entre os profissionais dos jornais maiores.

## **3 - Por quanto tempo você foi repórter policial? Do que sente mais saudades?**

Em meus 30 anos de carreira, completados agora em março, fui repórter durante 25 anos – e, destes, pelo menos 15 anos trabalhei com polícia, exclusivamente ou preferencialmente. Do que eu sinto falta? Depois de experimentar uma redação, você vai ver do que eu sinto falta: aquele clima, aquela agitação, aquela loucura de fechamento. A maior parte de minha carreira foi em jornal diário, e o clima da redação de jornal diário faz falta. Não que, aos 51 anos, eu tenha o pique para encarar pautas diárias, mas gostaria de trocar de vez em quando a relativa quietude da assessoria de imprensa pelo clima da redação.



#### **4 - Por quê ao contrário do jornalismo investigativo, o policial é tão mal visto?**

Aqueles “narizes torcidos” que eu citei agora há pouco ainda sobrevivem. Polícia sempre foi encarada como uma editoria meio marginal. O repórter de polícia, para alguns colegas, estava em contato direto com o submundo e, por isso, deixava-se conspurcar. Imagine se alguém que conversa com bandido podia estar, por exemplo, numa coletiva empresarial? Mas, ao contrário, eu acho que o profissional que faz polícia tem muito mais sensibilidade que esse que faz coletivas empresariais. Tratar com números é uma coisa; tratar com gente, criminoso ou vítima, é outra completamente diferente.

#### **5 - O prefeito da cidade do Rio, César Maia, disse certa vez que o jornalismo investigativo é o nome que se dá ao jornalismo policial. Você concorda? Mas, o policial acabou?**

De certa forma, os métodos se assemelham. O segredo, em ambos os casos, é a fonte. E isso pode acontecer em polícia, em política, em economia... Ou seja, o jornalismo investigativo não precisa necessariamente ser policial. E, embora com menor intensidade, o jornalismo investigativo/policial ainda está presente.

#### **6 - Como ambos recorriam (recorrem, no caso do investigativo) à literatura, ao jornalismo dito literário, pode-se concluir que o policial seria a banda podre, desagradável deste gênero jornalístico?**

(Não respondido)

#### **7 - O lide, a objetividade, ao seu ver, castraram o texto jornalístico? Como seria ou é o repórter policial de hoje?**

O texto policial não precisa ser, necessariamente, um nariz-de-cera. Pelo contrário: é melhor a objetividade, para que o leitor só prossiga na leitura se realmente estiver interessado. E o texto rebuscado tende a ser uma faca de dois gumes: se não for muito bem feito, espanta o leitor. Eu paro de ler, mesmo quando o caso é bom, se o repórter vem com aquele textinho piegas, patético. O repórter policial de hoje pode ser igual ao repórter policial que eu fui até 2002: objetivo, com lead e sublead, mas deixando espaço para o sentimento, bem dosado, no decorrer do texto. Basta ter um pouco de talento para saber dosar.

#### **8 - Quem são ou foram seus ídolos?**

Em jornalismo, meu maior ídolo ainda é Ricardo Kotscho, com quem tive a felicidade de trabalhar durante quatro anos. Ele é aquele tipo de repórter que pode tanto conversar com a bandidagem quanto cobrir coletiva empresarial. Admiro muito também José Hamilton Ribeiro (com quem nunca trabalhei), Valério Meinel (trabalhamos na revista Agora!, ele no Rio, eu em SP), Mário Chimnovitch (meu diretor na revista) e Clóvis Rossi.

#### **9 - O jornalismo “marrom” está quase sempre associado ao jornalismo policial, concorda? Não seria porque nele é mais fácil esta promiscuidade fonte/poder?**

O jornalismo marrom é uma forma de expressão, não de coleta de informações. Você pode muito bem coletar seus dados na Cúria Metropolitana e estampá-los de uma forma tendenciosa e sensacionalista. Tenho um exemplo mais próximo, aqui no Detran (onde sou assessor de imprensa): nós tivemos um seminário para instrutores de trânsito, com provas de avaliação, e 69% dos participantes obtiveram nota

superior a 7. Eu, com meu lado “imprensa marrom”, mandei release para a imprensa indicando que “31% tiveram nota inferior a 7”. O lado negativo era mais chamativo, e essa é a visão “marrom”. Promiscuidade é uma palavra que talvez não caiba; há partilha de interesses na cobertura policial, há uma espécie de simbiose, mas não necessariamente promiscuidade.

#### **10 - O leitor ainda se alimenta, se interessa pela vida alheia, é fofoqueiro?**

Quer exemplo mais gritante do que essa aberração chamada “Big Brother Brasil”? Se o povo não fosse fofoqueiro, pobre de espírito, a Globo já teria sepultado esse excrescimento.

#### **11 - Acredita que ainda há espaço hoje para o jornal "espreme, sai sangue" ou a TV teria incorporado este papel?**

Já fui fã, hoje acho que não acrescenta nada, mas tenho certeza de que, se você lançar um jornal sanguinário, com ênfase aos casos de polícia mais escabrosos, vai ter seu público garantido. Acho que é uma espécie de catarse coletiva: o povo gosta de ver desgraça porque, enquanto está vendo, significa que não faz parte dela. Você não vê um cara envolvido em acidente de trânsito juntar-se à multidão para ficar olhando para os destroços: ou ele está no hospital, ou está querendo distância daquilo que lhe traz más lembranças. Um cara que fica olhando pensa mais ou menos assim: “puxa, ainda bem que não foi comigo!”

#### **12 - Sobre a profissão em si ou o jornalismo policial, que clichês (características) já ouviu? "Boêmio", "Herói", "Bandido", "Mentiroso", etc.**

Comecei na profissão em 21 de março de 1977 como Revisor da “Empresa Folha da Manhã”, que, além da “Folha de S. Paulo”, editava o “Notícias Populares”. Na minha opinião, os jornalistas já foram vistos como românticos, idealistas e boêmios. Hoje, isso mudou. A profissão, mais por causa da TV, ficou um pouco *glamourizada*, e eu tenho certeza de que a grande procura por Jornalismo no vestibular tem muito a ver com isso: as pessoas acham que jornalista aparece na televisão e conhece só gente importante; não sabem que para aparecer na TV é preciso ser bonito (fotografar bem, como dizem) e que pobreza e desgraça também merecem cobertura. Faça um levantamento: quantos estudantes entram em Jornalismo, quantos se formam e quantos efetivamente entram na profissão. Além da falta de vagas, do mercado cada vez mais restrito, o salário é uma merreca. Quem foi pelo *glamour* tomou uma entortada.

Mais: as pessoas não acham os jornalistas; os jornalistas é que se acham. Nunca vi raça mais vaidosa, mais dona da verdade e mais arrogante (sem parecer arrogante). E eu não digo isso dos outros, digo de mim também. Sempre fui assim, como todo jornalista. A gente acha que pode tudo, que uma carteirinha de imprensa é um passaporte para qualquer lugar (qualquer BOM lugar, entenda-se), que a gente não pode ser preso, que a gente não pode levar tiro, que as pessoas têm medo da gente. Besteira. Jornalista é uma pessoa como qualquer outra, que às vezes sabe escrever um pouco melhor e que às vezes tem um veículo de comunicação para perpetrar sua opinião. Só que muitas vezes não tem responsabilidade suficiente para usar esse veículo.

#### **13 - Há uma fórmula para vender jornal? Ou só o sensacionalismo já basta?**

O sensacionalismo, principalmente se for bem articulado, criativo, é uma forma de incrementar as vendas. Na revista “Agora!”, a capa era cheia de fotos chocantes, com corpos sem cabeça, cabeças sem corpos, cadáveres “crivados de balas” e essa era a arma para vender a revista. O “NP” dos bons tempos era criativo. Viraram referências históricas os títulos “Cachorro fez mal a moça” (sobre um cachorro-quente indigesto) e “Violada na platéia” (quando o cantor Sérgio Ricardo quebrou seu violão em protesto pelas vaias à sua música). Quer dizer, dependendo do público-alvo, o sensacionalismo ajuda.

**14 - Para um repórter iniciante onde você julga ser mais importante começar na redação? Aliás, em tempos de internet, como vê o novo jornalista?**

No meu tempo, era quase obrigatório passar pelo jornalismo policial. Talvez porque vigorasse a teoria de que na polícia se aprende a trabalhar. Hoje, não se crê mais nisso, e você cabe onde houver vaga. Se for numa área legal, melhor ainda. Terrível é você gostar de polícia e ser obrigado a cobrir economia, ou vice-versa. E o bom repórter policial é o bom repórter de internet, porque a reportagem policial tem o arquétipo das matérias da web: curtas e grossas, sujeito, verbo e predicado, nesta ordem.

**15 - No filme 'O Beijo no Asfalto', Nelson Rodrigues critica o poder absoluto da mídia, essa promiscuidade e o quanto ela influencia a opinião pública podendo invadir e mesmo destruir a vida de outrem. Isso ainda é factível nos dias de hoje? O que diria aos iniciantes na reportagem?**

Não faz dois meses, teve o caso de uma garotinha morta em que a mãe era suspeita de colocar cocaína na mamadeira dela. Isso foi noticiado e, presa, a mulher acabou sendo agredida (com fratura de maxilar) na cadeia. Depois, comprovou-se que não havia cocaína na mamadeira e que a filha morreria de outra causa. Acho que isso basta para responder sua pergunta. A imprensa constrói e destrói. Mas, depois de destruir, não há imprensa que reconstrua. O que eu diria aos iniciantes: pensem nas conseqüências de tudo o que fazem; não se deixem levar pelo “glamour” de possíveis manchetes. Lembrem-se sempre de que, além de possibilidade destruir alguém, vocês podem tomar um belo processo pelas costas.

**16 - Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Que outros jornais do tipo havia no RJ dos anos 60/80? (Esta última: mencione se souber)**

Eu li a biografia do Néelson Rodrigues escrita pelo Ruy Castro e conheci a “Última Hora” de São Paulo. Conheço pouco da história da imprensa carioca; basicamente apenas o que li nessa biografia – que, por ser biografia, trata mais do biografado do que do jornal onde ele trabalhou.

**17 - Falando de filmes (vemos alguns na faculdade) numere abaixo, por ordem de preferência, quais viu ou já ouvi falar:**

- ( ) Capote
- ( ) Cidadão Kane
- ( ) A Montanha dos Sete Abutres
- ( ) O Informante
- ( ) Mera Coincidência
- ( ) Todos os Homens do Presidente

- ( ) Vlado, 30 anos depois
- ( ) Cidade de Deus
- ( ) Lúcio Flávio – O passageiro da agonia
- ( ) O Bandido da Luz Vermelha
- ( ) Terra em Transe
- ( ) Doces Poderes
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

Não gostaria de atribuir notas, porque há abordagem diferentes nesses filmes. Gostei de “Capote” por desnudar a amoralidade de um repórter para atingir seu objetivo, como gostei de “A Montanha dos Sete Abutres” por mostrar as conseqüências que essa amoralidade pode acarretar. Achei “Todos os Homens do Presidente” um filme burocrático, assim como “O Informante”. “Cidadão Kane” eu vi ainda na faculdade – ou seja, há mais de 30 anos – e confesso que nem prestei muita atenção (por pecaminosa que possa ser essa revelação). “Lúcio Flávio” e o “Luz Vermelha” têm boas histórias (reais), mas as produções não chegam a empolgar. Não vi “Cidade de Deus” (apenas li o livro), “Vlado”, “Terra em Transe” e “Doces Poderes”. “Mera Coincidência” não me é estranho, mas não tenho certeza se assisti.

**18 - Por fim, como se deu a sua escolha pelo jornalismo? Algum veículo em particular o influenciou?**

Foi uma coisa meio besta: eu fiz segundo grau técnico (Eletrônica) e escrevi um texto para participar de uma exposição de trabalhos escolares; a professora de Português gostou e disse que eu tinha escolhido a profissão errada, que eu devia ser jornalista. Fui, vi e gostei. Não vou dizer que foi uma descoberta de vocação tardia porque eu já fazia jornalzinho na escola desde criança, só que logicamente não com a seriedade que a profissão exige.

Durante o curso, no básico, eu ainda quase troquei para a Publicidade (teria trocado se um emprego como contato tivesse dado certo). Felizmente, o emprego não deu certo.

**Nome:** Respondente 12 (Bernardo Scartezini)  
**Idade:** 30 anos  
**Profissão:** jornalista cultural

**1. Você já viu alguma peça ou outro filme de Nelson? Comente.**

Conheci Nelson no início dos anos 1990, na febre de reedições de seus livros que se seguiu ao lançamento da biografia feita pelo Ruy Castro, o Anjo Pornográfico. Comecei lendo as crônicas de futebol, uma de minhas obsessões, e depois passei aos folhetins e só daí às peças de teatro. Sempre me pareceu, ainda moleque, complicado ler teatro numa página impressa. Depois vi alguns filmes, que passavam na tevê, na maioria belas porquêras que transformavam as peças em subproduto das pornochanchadas, sabe como é. Me lembro que a Globo fez algumas adaptações de Nelson nos anos seguintes, com uma série baseada nas crônicas de a vida como ela é e naquela minissérie engraçadinha, com a Alessandra Negrini. Enfim, vi apenas uma peça de Nelson no teatro. Era a Serpente. Em montagem da Yara de Novaes, com a Débora Falabella – mas isso foi bem depois, tipo 2004, 2005. Agora reeditaram em DVD os filmes de Arnaldo Jabor, que filmou muito bem o

casamento e toda nudez será castigada, e também saiu em dvd o beijo no asfalto, versão de bruno barreto, que eu gosto muito.

**2. Que características você identifica na personagem-jornalista? Quais destes lhe parecem reais?**

Bueno, é preciso lembrar que nelson rodrigues era jornalista, era irmão de jornalista, era pai de jornalista e principalmente trabalhava diariamente em redações de jornal – não mandava seus textos de casa por estafeta ou e-mail. Então, a vivência das redações deste camarada é muito maior que a minha, e seu talento para apreender detalhes e tipos a sua volta é muito maior que o meu. Portanto, acredito que seja tudo verdade, tudo coisa que ele pescou aqui e ali e foi construindo seus tipos. Foi o tom wolfe quem disse que existem dois tipos de jornalistas no mundo... a) os altamente competitivos que querem dar furos e trabalham com perdigueiros e b) os metidos a escritor, que apenas justam vivência naquela profissão enquanto sonham um dia escrever um grande romance. Pelo que vivi, pelo que sei e sou, concordo com o wolfe,

**3. Para você, a trama de Nelson tem um caráter atual? Por quê? Onde estariam os Amados Ribeiros de hoje?**

Estão em todos os lugares. A cada esquina. Pense nos paparazzis, naqueles chatos que filma qualquer coisa com a camereta de vídeo e jogam no YouTube. A invasão das vidas alheias, o sensacionalismo, o exagero, a distorção do que é notícia estão aí no ar fazendo as carreiras e os contra-cheques dos amadores. Além de queimar o filme dos coleguinhas, mas essa é outra questão. Pense na maldição da “opinião pública”. Quem é a opinião pública afinal?

**4. Há uma fórmula para vender notícias? Como você acha que seria a produção da notícia do beijo no asfalto nos veículos de hoje? Exemplifique em pelo menos um.**

Não faço idéia. Tento não me misturar com jornalismo sensacionalista. Mas basta comprar aqueles jornais de cinquenta centavos em qualquer banca.

**5. Você conhece a história de Nelson Rodrigues? E do Última Hora? Fale um pouco.**

Nelson é o cara. Uma figura adorável que construiu um mundo próprio. “Isso é nelson”, falamos naturalmente, pois ele virou adjetivo. Tudo o que sei – e o muito que já esqueci – li em livros como o do ruy castro.

**6. O lide, a objetividade, ao seu ver, castraram o texto jornalístico?**

A objetividade não existe, é uma falácia. Veja qualquer filme do eduardo coutinho e perceba esse fato. “Toda realidade é uma opinião”, dizia o thimothy leary... E o lide é apenas uma fórmula. O que castrou, em verdade, o jornalismo impresso da forma como o conhecemos é o aspecto de remendo do produto final – a necessidade de mandar para gráfica a tal hora tantas e tantas páginas para vender no dia seguinte. E pouco importa o que tenha nessas páginas para ocupar espaço entre as fotos e os anúncios. Se há pouca notícia, o jornal fica ruim. Se há muita notícia, o jornal periga ficar pior. A falha está na estrutura. Está no sistema.

**7. Seguindo esta corrente literária, ou seja, embebida no jornalismo literário, pode-se concluir que o jornalismo policial seria a banda podre, desagradável deste gênero jornalístico?**

Não creio. Há grandes profissionais em todas as editorias, assim como há os fdp em todas as editorias. Simples assim. Há quem escreva bem – há quem escreva bem mal.

**8. O jornalismo “marrom” está quase sempre associado ao jornalismo policial (político também, por quê não?), concorda? Não seria porque nestas editorias é mais fácil o caminho sem volta com a fonte e as relações de poder?**

Acho que o caminho é ida-e-volta sempre. Afinal, o mais desregrado jornalista policial um dia perceberá que precisa trocar favores com aquele delegado, aquele carcereiro, etc.

**9. Para um repórter iniciante onde você julga ser mais eficaz o aprendizado dentro de uma redação? Aliás, como vê o novo jornalista em tempos de internet e novas mídias?**

O maior aprendizado, na verdade, se dá fora da redação, fora da universidade e antes mesmo dessa fase da vida. Veja... Se o camarada souber escrever bem, reparar nos detalhes e ter aquela velocidade de produção que só acontece quando se tem intimidade com o processo da escrita, ele se dará bem em qualquer parte. E a única maneira que vejo para se ter essas virtudes é ler. E ler muito. Ler muito, muito, muito. Ler sempre, ler o tempo todo, ler qualquer coisa. Só se aprende a escrever se aprendendo a ler. A grande desgraça é que os jornalistas não lêem. Não lêem nem jornal. Se lessem, já teriam uma eficiência no manuseio das palavras que, cedo ou tarde, valeria abrigo em qualquer ponto – até mesmo em internet e novas mídias que, no final, cuidam do mesmo lugar comum: a palavra.

**10. Na sua opinião, há espaço hoje para o jornal “espreme, sai sangue” ou a TV teria incorporado este papel? O que dizer de Ratinho x o sucesso impresso do jornal ‘Na polícia e nas ruas’, aqui de Brasília, por ex.? Resumindo: o leitor continua se alimentando da vida alheia, é fofoqueiro? Seriam como paparazzis instintivos?**

Pelo que sei, o Ratinho já tá com o rabo entre as pernas, silvio santos não quer mais dar queijo pra ele. Mas sempre tem um novo ratinho, pergunte ao datena... Sempre haverá esse interesse mórbido – pelo crime na virginia tech ou pela nova namorada do chico buarque. É um terreno fértil e vasto para quem se dispuser. Pensando bem, é um terreno fácil. Boa sorte a eles.

**11. Qual é ou deve ser o perfil do jornalista para você? Do ideal à prática do dia-a-dia. Sei que não há mais brechas para o romantismo, a ideologia ... Então só restaria o profissional nº 1?**

Na verdade, os novos jornalistas são cada vez mais mal formados, mais analfas e mais desinteressados a cada década. Por quê? Não tenho idéia. Mas compare a redação da UH dos anos 1950, do JB dos anos 1970 com qualquer redação de hoje em dia. A redação da Piauí, por exemplo. Não sei te dizer porque essa decadência. Mas suspeito que tenha a ver com os baixos ordenados, com as condições de trabalho cretinas e – dos tucanato pra cá – com a proliferação de cursos universitários. Mas é apenas uma suspeita.

**12. Que características você já ouviu sobre a profissão (“curioso”, “workaholic”, “anti-social”, “fofoqueiro”, “bandido”, “ambicioso”, “herói”, “antenado”, “super-homem”, “boêmio”)? Cite outros, que se constituem em verdadeiros estereótipos da profissão, e fale até que ponto se encaixa em um ou outro.**

Tento não pensar em estereótipos. Mas, aqui, voltaria àquela resposta dada na pergunta número dois, aquela divisão feita pelo Tom Wolfe. Acho que é bem aquilo mesmo. Talvez acrescentando uma terceira turma: os pára-quadistas, tipo estagiários almofadinhas e estagiárias bonitinhas que querem aparecer na rede globo. São estereótipos, sim, eu sei.

**13. Como se deu a sua escolha pela profissão? Algum veículo, em particular, o influenciou?**

Meu pai é jornalista e dono de uma biblioteca gigante. O que me fez ter uma naturalidade com esse troço de ler e escrever. Quando era moleque, queria brincar de ser meu pai e fazia meu próprio jornal – inventando histórias, escrevendo notícias, escrevendo em folhas de papel ofício e paginando o troço com fotos coladas e desenhos a mão. Coisa de guri.

**14. Numere abaixo, por ordem de preferência, os filmes de jornalismo que já viu ou ouviu falar.**

- ( ) Capote
- ( ) Cidadão Kane
- ( ) A Montanha dos Sete Abutres
- ( ) O Informante
- ( ) Mera Coincidência
- ( ) Todos os Homens do Presidente
- ( ) Vlado, 30 anos depois
- ( ) Cidade de Deus
- ( ) Lúcio Flávio – O passageiro da agonia
- ( ) O Bandido da Luz Vermelha
- ( ) Terra em Transe
- ( ) Doces Poderes
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

Não me leve a mal, mas essa eu passo. Seria Cidadão Kane um filme de jornalismo? O bandido da luz vermelha? Tenho minhas dúvidas. Sei lá. Mil coisas.

**15. Para você, qual seria a mensagem do filme ‘O Beijo no Asfalto’? Ele pode ser considerado bom ou ruim por isso?**

Não sei se tem uma mensagem. Me aparece uma história de desejo. Como muitas do Nelson. Acho que cada espectador, cada leitor deve formar sua idéia. Cada um recebe de um jeito. Sair falando de tema e mensagem seria generalização grosseira. Cada um recebe um filme de uma forma. Talvez seja simplismo dizer que O beijo no asfalto é uma peça sobre jornalismo. Seria Macbeth uma peça sobre monarquia?

**16. Como acontece nos EUA você acredita que cinema e jornalismo dariam um bom filão ou a TV já teria pego este papel por meio das novelas e**

**minisséries? Sendo jornalista, como avaliaria a representação do profissional no telão?**

Varia de filme a filme. Não sei te dizer.

**17. Nelson critica no filme o poder abusivo da mídia, essa promiscuidade e o quanto ela influencia a opinião pública podendo invadir e mesmo destruir a vida de outrem. Que crítica você faria ao jornalismo de sempre e de hoje? Aliás, faltaria um Nelson nos dias atuais? Resumindo: valeu a pena? Vale a pena o jornalismo para você?**

O jornalismo vale a pena. Claro. Serve pra pagar as contas. E, pra mim, serve para deixar de lado as frescuras com a escrita. Sabe aquele lance de esperar a inspiração baixar? O relógio andando e a página em branco são sua inspiração diária. De resto, de minha parte, tento usar o jornalismo como uma forma de apresentar algo ou alguém para um universo possível de leitores. Trata-se de despertar novos interesses, manter idéias circulando, etc. Mas também pagar as contas. Agora... Sempre haverá um nelson rodrigues para cada nelson rubens, é uma espécie de equilíbrio divino no mundo, sabe?